

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS –
CCHL CURSO: LICENCIATURA PLENA EM
GEOGRAFIA**

FRANCISCA VITÓRIA DA CUNHA SILVA

**OS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA
ANÁLISE ELABORADA ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS EM TURMAS DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DE TERESINA**

**TERESINA
2023**

FRANCISCA VITÓRIA DA CUNHA SILVA

**OS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA
ANÁLISE ELABORADA ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS EM TURMAS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DE TERESINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura Plena
em Geografia, da Universidade Estadual do
Piauí – UESPI, sob a orientação do Prof. Dr.
Jorge Martins Filho.

**TERESINA
2023**

S586c Silva, Francisca Vitória da Cunha.

Os conceitos-chave da geografia na educação básica: uma análise elaborada através de experiências em turmas do 6º ano do ensino fundamental em escolas de Teresina / Francisca Vitória da Cunha Silva.
- 2023.

75 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Curso de Licenciatura Plena em Geografia, *Campus Poeta Torquato Neto*, Teresina - PI, 2024.

“Orientador: Prof. Dr. Jorge Martins Filho.”

1. Geografia - Ensino. 2. Ciência geográfica – Conceitos-chave. I. Título.

CDD: 910.7

FRANCISCA VITÓRIA DA CUNHA SILVA

**OS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA
ANÁLISE ELABORADA ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS EM TURMAS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DE TERESINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura Plena
em Geografia, da Universidade Estadual do
Piauí – UESPI, sob a orientação do Prof. Dr.
Jorge Martins Filho.

Aprovada em: ___/___/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Martins Filho

Presidente – UESPI

Prof. Dr. Liegie de Sousa Moura

1º Examinador - UESPI

Profa. Dra. Joana Aires da Silva

2º Examinador – UESPI

AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma graduação é um momento de grande alegria, corresponde a um sentimento de gratidão, e também de dever cumprido, porém, não é necessariamente um percurso solitário, existe em toda esta caminhada, longa e cheia de altos e baixos, muitas pessoas que são fundamentais, e que sem elas e sua ajuda essa realização não seria possível, e é justamente a estas a quem dedico este espaço.

A Deus, primeiramente eu agradeço pela proteção e orientação sempre em minha vida, por me proporcionar chegar até aqui e ter saúde para ir além.

Aos meus pais e familiares a minha eterna gratidão, sem vocês eu não poderia estar aqui realizando este sonho que também é de todos vocês, muito obrigada!

Aos meus amigos, que tanto me apoiaram em diversos momentos, tanto alegres como tristes, sem o companheirismo, o apoio e as ajudas eu não seria capaz de tanto, sou grata a todos vocês!

Aos meus queridos professores da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, os meus mais sinceros votos de gratidão, por todos os ensinamentos que me foram repassados em todos estes anos, acredito que vocês foram e continuam sendo fundamentais para o meu crescimento profissional, e também para o crescimento da Geografia em nosso estado.

RESUMO

Os conceitos-chave da ciência geográfica, ao serem trabalhados no ensino de Geografia no decorrer do processo de ensino-aprendizagem na educação básica, são fundamentais para o desenvolvimento de um pensamento crítico, ativo e autônomo dos alunos já nesta fase, visto que permitem ao aluno conhecer o espaço por ele habitado mediante a sua realidade e a realidade global. Considerando o contexto da educação básica no Brasil, existe nas diretrizes escolares um direcionamento para se trabalhar esses conceitos a partir da prática docente, que deve estimular nos alunos a formação desse conhecimento científico relacionado com os conhecimentos do cotidiano dos alunos. Considerando a importância dessa temática, o presente trabalho aponta como questão-problema o entendimento de como ocorre a aplicação dos conceitos-chave da ciência geográfica no ensino de Geografia na educação básica. Assim, mediante a importância de se trabalhar essa temática no contexto da atualidade, o respectivo objetivo geral proposto consistiu em analisar a compreensão de alunos do 6º ano do ensino fundamental de escolas privadas de Teresina-PI sobre os conceitos-chave da Geografia. Como parte dos processos metodológicos adotados no decorrer da pesquisa, esta inicialmente partiu de uma natureza aplicada, com caráter metodológico baseado na pesquisa exploratória e explicativa, com abordagem consistindo tanto na pesquisa qualitativa quanto na pesquisa quantitativa. Como instrumentos para a coleta de dados, tornou-se necessária a utilização de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo, esta última realizada a partir de um recorte espacial consistindo em duas escolas da rede privada de ensino da cidade de Teresina-PI, onde tiveram como participantes, através da aplicação de um questionário, alunos do 6º ano do ensino fundamental II e os professores da disciplina de Geografia. Com relação aos resultados obtidos, após a realização da tabulação e análise das respostas contidas no questionário, foi possível compreender que a maioria dos alunos participantes (70%) já estudaram ou compreendem os conceitos-chave da Geografia, o que denota uma preocupação tanto da escola como dos professores em utilizar-se do conhecimento científico no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Embora evidenciem-se desafios no qual (30%) dos alunos ainda possuem dificuldades em compreender tais conceitos, já existe em ambas as escolas e professores participantes ações que visam mitigar ou reverter tais dificuldades na aprendizagem dos alunos. Portanto, a partir das informações levantadas neste trabalho, compreende-se que os conceitos-chave da Geografia precisam de fato estar presentes em todo o processo de ensino-aprendizagem, pois tornam-se elementos fundamentais para a formação crítica e geográfica dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Conceitos-chave. Ciência Geográfica.

ABSTRACT

The key concepts of the science of geography, when worked on in the teaching of geography during the teaching-learning process in basic education, are fundamental for the development of a critical, active and autonomous thinking of the students already at this stage, since they allow the student to know the space inhabited by him through his reality and the global reality. Considering the context of basic education in Brazil, there is a direction in the school guidelines to work on these concepts, based on teaching practice, which should stimulate in students the formation of this scientific knowledge related to the knowledge of students' daily lives. Considering the importance of this theme, the present work points out as a problem the understanding of how the application of the key concepts of geographic science occurs in the teaching of Geography in basic education. Thus, due to the importance of working on this theme in the context of the present day, the respective general objective proposed was to analyze the understanding of students of the 6th year of elementary school of private schools in Teresina-PI, about the key concepts of Geography. As part of the methodological processes adopted in the course of the research, it initially started from an applied nature, with a methodological character based on exploratory and explanatory research, with an approach consisting of both qualitative research and quantitative research, and as instruments for data collection it became necessary to use bibliographic research, documentary research and field research. This was finally carried out from a spatial clipping consisting of two schools of the private education network in the city of Teresina-PI, where students of the 6th year of elementary school and teachers of the discipline of Geography had as participants through the application of a questionnaire. Regarding the results obtained, after tabulating and analyzing the answers contained in the questionnaire, it was possible to understand that most of the participating students (70%) have already studied or understand the key concepts of Geography, which denotes a concern of both the school and the teachers to use scientific knowledge during the teaching-learning process. Although there are challenges in which (30%) of the students still have difficulties in understanding such concepts, there are already actions in both schools and participating teachers that aim to mitigate or reverse such difficulties in student learning. Therefore, from the information collected in this work, it is understood that the key concepts of Geography need to be present in the entire teaching-learning process, as they become fundamental elements for the critical and geographical formation of students.

Keywords: Geography Teaching. Key concepts. Geographic Science.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1 - Recursos didáticos utilizados pelos professores nas aulas de Geografia.	57
Gráfico 1 - Sexo dos alunos participantes escola “A” e “B”.....	47
Gráfico 2 - Idade dos alunos participantes escola “A” e “B”.	48
Gráfico 3 - Conceitos-chave da Geografia na concepção dos alunos.	48
Gráfico 4 - Entendimento dos alunos sobre os conceitos-chave da Geografia.....	50
Gráfico 5 - Dificuldades quanto ao entendimento dos conceitos.	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB	Associação de Geógrafos Brasileiros
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNG	Conselho Nacional de Geografia
CF	Constituição Federal
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PMT	Prefeitura Municipal de Teresina
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Plano Político Pedagógico
SAAD	Superintendência de Desenvolvimento Urbano Leste
SEMEC	Secretaria de Educação do Município de Teresina
SEPLAM	Secretaria Municipal de Planejamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: O PERCORRER EPISTEMOLÓGICO DOS CONCEITOS-CHAVE	15
2.1	OS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA.....	20
3	A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA DA EDUCAÇÃO BÁSICA	30
3.1	A BNCC E AS DIRETRIZES PARA O ENSINO GEOGRÁFICO	34
3.2	AS ABORDAGENS CONCEITUAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA	37
4	O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ESCOLAS DE TERESINA	40
5	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	45
5.1	ANÁLISE DA ABORDAGEM DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS	46
5.2	ANÁLISE DA ABORDAGEM DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM SALA DE AULA NA PERSPECTIVA DOCENTE	53
5.3	CAMINHOS PARA A ABORDAGEM METODOLÓGICA DOS CONCEITOS- CHAVE DA GEOGRAFIA NA ESCOLA	58
6	CONCLUSÃO	64
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS	
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES	

1 INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que se desenvolveu significativamente no decorrer do tempo e espaço. No decorrer de sua epistemologia, diversos tipos de estudos foram sendo construídos, contribuindo para a formação de uma base teórico-metodológica sólida, capaz de analisar diversos fenômenos, tanto sociais como naturais. A partir desse desenvolvimento científico, alguns conceitos fundamentais emergiram com a perspectiva de aprofundar ainda mais as análises da ciência geográfica, tornando-se então fundamentais para o estudo e a compreensão da Geografia como a conhecemos atualmente.

Na contemporaneidade, a ciência geográfica trabalha com cinco principais categorias de análise ou conceitos-chave: Espaço Geográfico, Região, Paisagem, Território e Lugar. Estes guardam entre si um forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana que modela e transforma a superfície terrestre (Corrêa, 2000). Esses respectivos conceitos se aplicam na percepção de analisar as relações entre o ser humano e o meio natural, suas alterações e técnicas utilizadas, bem como os resultados desses processos. Tudo ocorre a partir de conceitos fundamentais que norteiam a prática geográfica.

Com a institucionalização dos estudos geográficos, a Geografia, além de ciência, também se torna culturalmente aplicada como uma disciplina escolar, principalmente no contexto do território brasileiro. Nesse sentido, muitos trabalhos recentes discutem a colaboração da aplicação dos conceitos-chave da disciplina em múltiplas questões no âmbito da sociedade, visto que estes auxiliam na formação dos estudantes e colaboram no entendimento das ações dos sujeitos que atuam no espaço geográfico.

Considerando a importância da Geografia como uma disciplina escolar, juntamente com seu viés científico que contribui em diversos setores da sociedade, o presente trabalho propõe como problemática entender como ocorre a aplicação dos conceitos-chave da ciência geográfica no ensino de Geografia na educação básica. Sendo assim, foi estabelecido como recorte de pesquisa turmas do 6º ano do ensino fundamental de escolas privadas da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí. Essa escolha de tema deve-se ao entendimento de que os conceitos-chave da Geografia na educação básica são fundamentais para o desenvolvimento crítico e ativo dos alunos, uma vez que permitem o conhecimento do espaço vivido, além do

entendimento de que o aluno é o protagonista da sua história e agente causador das modificações do seu espaço.

Diante disso, o trabalho apresentou como objetivo geral: analisar a compreensão de alunos do 6º ano do ensino fundamental de escolas privadas de Teresina-PI sobre os conceitos-chave da Geografia. E como complemento, os objetivos específicos se apresentaram em três: 1) discutir a importância da aplicação dos conceitos-chave da Geografia no ensino a partir da análise das diretrizes curriculares; 2) identificar observações realizadas pelos alunos e professores acerca dos conceitos-chave da Geografia diante de suas experiências; 3) apontar sugestões de metodologias próprias e objetivas para a aplicação dos conceitos geográficos.

Tratando-se do processo metodológico do trabalho, o ambiente de pesquisa ou universo consistiu em uma proposta de pesquisa desenvolvida em duas escolas da rede privada de ensino, localizadas na zona leste da cidade de Teresina-PI. As respectivas análises e a aplicação metodológica ocorreram especificamente em turmas do 6º ano do ensino fundamental. Cabe ainda ressaltar que a escolha pelo local se deu pela aproximação da autora com as escolas, reiterando-se o fato de a autora já realizar observações pedagógicas no referido espaço escolar, o que resultou na percepção da necessidade de aprofundar os conceitos geográficos de forma prática e clara em sua abordagem metodológica.

Quanto à natureza da pesquisa, esta é classificada como aplicada, já que produz conhecimentos práticos dirigidos à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais. Ademais, define-se também, mediante o contexto trabalhado, o caráter pautado pela pesquisa exploratória e explicativa, pois a sua realização ocorreu mediante um processo de convivência com o ambiente de pesquisa, além do contato direto com os sujeitos envolvidos na temática em questão. Para Severino (2017), a pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. A pesquisa explicativa, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca também identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Com relação à forma de abordagem empregada no desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela utilização e combinação dos tipos de pesquisa qualitativa e quantitativa, pois, mediante o foco do trabalho, emergiu a necessidade de análises de

obras teóricas já existentes que discutem a temática central em questão, como também coube analisar in loco os dados obtidos em campo.

No que se refere à pesquisa qualitativa, Prodanov e Freitas (2013, p.70) consideram que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas”. Para a pesquisa quantitativa, os autores discutem que esta “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas” (Prodanov; Freitas, 2013, p.69).

Reiterando ainda o processo de pesquisa, a coleta de dados baseia-se na utilização de três métodos que se relacionam entre si e buscam aprofundar as discussões e os dados levantados no decorrer do trabalho, sendo assim aplicados: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo, realizadas em etapas e com objetivos definidos.

A primeira etapa desse processo realizou-se em modo de gabinete, onde aplicou-se a pesquisa bibliográfica, consistindo na busca de materiais teóricos sobre as principais discussões relacionadas com a temática do trabalho. Buscou-se material já publicado, como livros, artigos, dissertações e teses. Essa etapa ainda foi complementada pela pesquisa documental, que se concentrou nas buscas por documentos e leis que tratam das diretrizes a respeito do ensino geográfico no Brasil.

A respeito da pesquisa bibliográfica, Gil (2008) discute que este tipo de pesquisa é desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, e tem como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Já a pesquisa documental, para o autor, assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (Gil, 2008).

A última etapa do percurso metodológico consistiu na aplicação da pesquisa de campo, realizada in loco, em duas escolas da rede privada de ensino da cidade de

Teresina-PI. Esse método emergiu da necessidade de aplicação de técnicas de observação, registros fotográficos e aplicação de questionários, tanto com os alunos como também com os professores das escolas, a fim de buscar o levantamento de dados acerca da compreensão e utilização dos conceitos-chave da Geografia na educação básica, especificamente em turmas do 6º ano do ensino fundamental. Como seleção de amostra, contabilizaram-se um total de 10 alunos por turma, além dos professores titulares da disciplina de Geografia das respectivas turmas escolhidas.

Segundo Severino (2017), nas pesquisas de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descriptivos, até estudos mais analíticos.

Desse modo, perante a importância do tema levantado no trabalho, as justificativas se relacionam em três principais condições que são imprescindíveis para a apresentação de dados científicos que possam contribuir com informações relevantes para trabalhos posteriores. A primeira consiste na justificativa ao meio científico acadêmico, mediante as lacunas existentes e da carência de trabalhos na ciência geográfica que discutem a questão dos conceitos-chave no meio escolar, sendo assim imprescindível que cada vez mais pesquisadores tragam ao debate científico questões relacionadas às experiências de sala de aula.

A segunda justificativa apresenta-se para o meio social, tendo em vista que o aprendizado sobre os conceitos-chave da Geografia possibilita aos alunos o entendimento do seu espaço vivido e assim auxilia no entendimento de que o sujeito é um agente modificador do espaço em que habita, sendo assim um protagonista. A terceira justificativa aparece mediante o meio pessoal, que emergiu a partir das próprias experiências da autora e da percepção da necessidade de pesquisar sobre um tema que carece de maior atenção mediante justamente o seu caráter de importância para o cenário da educação, como também para o cenário da ciência geográfica.

Assim, o presente trabalho, quanto à sua estrutura, de início traz discussões sobre a gênese da Geografia moderna, onde se discute o próprio desenvolvimento da Geografia na sociedade contemporânea, perpassando pelas correntes de pensamento e a consolidação dos estudos científicos pautados pelo desenvolvimento das categorias de análise ou os respectivos conceitos-chave. Adiante, apresentam-se

ainda breves conceituações sobre os conceitos-chave da ciência geográfica, a partir de concepções dos principais teóricos da Geografia. Em um segundo momento, apresenta-se também uma discussão sobre a introdução da Geografia como uma disciplina da educação básica e as principais questões que são definidas e abordadas nesse meio escolar. E, por fim, apresentam-se os resultados, onde buscou-se dialogar, a partir dos dados obtidos com a pesquisa, as atuais condições nas redes de ensino sobre a importância da utilização dos conceitos-chave da Geografia como uma abordagem metodológica, com o foco no entendimento de que estes auxiliam na melhor compreensão dos demais conteúdos da disciplina em sala de aula.

2 A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: O PERCORRER EPISTEMOLÓGICO DOS CONCEITOS-CHAVE

Para Moraes (1989), a Geografia pode ser considerada como produto do recente desenvolvimento histórico da humanidade, onde essa ciência emerge de um processo de sistematização dos estudos geográficos, ocorridos durante a transição do feudalismo para o capitalismo.

Compreender o campinho epistemológico da Ciência Geográfica é uma tarefa árdua, visto que muito se produziu e se discutiu tanto no campo teórico como prático, isso principalmente nas últimas décadas, o debate da Geografia e suas respectivas análises sempre foram palco de muitos desafios e discussões que colocaram desde as suas premissas a relação homem e espaço como chave de percepções e compreensões.

É importante ressaltar, que assim como todas as outras ciências a Geografia também percorreu um longo e considerável percurso e processo de estruturação, o que resultou em sua atual condição de importância na sociedade contemporânea. Desde os primeiros estudos geográficos a preocupação do homem em observar e entender os fenômenos a sua volta foram vistos como necessários para a consolidação da sua própria sobrevivência e posterior estabelecimento em variados lugares.

A Geografia moderna como a conhecemos nos tempos atuais vai emergir justamente dessas preocupações e interesses em buscar um maior entendimento dos espaços dos quais o ser humano habitava, obtinha acesso e também um respectivo controle, desse modo a posterior estruturação dos estudos geográficos e consequente afirmação a Geografia como ciência a partir do estabelecimento de um objeto de estudo e respectivas categorias de análise vão desenvolver-se a partir de uma particularidade histórica no território europeu mais precisamente na Alemanha.

Ainda também torna-se necessário ressaltar as bases ideológicas e filosóficas que pautaram a Geografia a partir de sua construção no final do século XIX e início do século XX, e que podem ser citados como referências grandes teóricos como por exemplo: René Descartes (com a influência filosófica do racionalismo), Immanuel Kant (que analisou na filosofia o tempo e o espaço), Charles Darwin (com suas obras que influenciaram significativamente as ciências naturais), August Comte (Com a

influência do Positivismo), Georg Hegel (Com a percepção do idealismo), e Karl Marx (Com teoria do materialismo histórico dialético). Todos estes teóricos favorecem a criação dos paradigmas da Geografia contribuindo para a sua consolidação científica. Ainda assim, tratando-se mais especificamente dos primeiros estudos geográficos podem ser considerados os percursores da Geografia moderna dois principais estudiosos do meio. Nesse contexto de acordo com Moraes (1989), dois estudiosos são vistos como pioneiros da Geografia moderna, sendo eles Alexander Von Humboldt e Karl Ritter. O que ainda para o autor:

Humboldt e Ritter são, sem dúvida, os pensadores que dão o impulso inicial à sistematização geográfica, são eles que fornecem os primeiros delineamentos claros do domínio dessa disciplina em sua acepção moderna, que elaboram as primeiras tentativas de lhe definir o objeto, que realizam as primeiras padronizações conceituais, e constituirão o objeto do presente estudo. (Moraes, 1989, p.15).

Segundo Christofeletti (1985), o que parte para a organização da Geografia como ciência partem necessariamente das obras de Humboldt e Ritter, estes que foram pesquisadores que construíram alicerces necessários para a edificação de uma Geografia Científica. A partir dos estudos de Humboldt e Ritter, observou-se que em suas obras estes pesquisadores buscaram entendimentos tanto para a explicação dos fenômenos naturais quanto para as questões humanas, o que em grande parte tais estudos foram baseados principalmente fundamentados na corrente filosófica do positivismo, que buscava uma compreensão maior do controle e do entendimento do espaço natural.

Assim, a importância dos estudos desses teóricos juntamente com a implicação de questões econômicas, políticas, culturais, territoriais e sociais do século passado no espaço alemão contribuíram significativamente para esse pioneirismo e posterior estruturação da Ciência Geográfica, ou da Geografia Moderna. Com isso o desenvolvimento da primeira corrente do pensamento geográfico se estabeleceu, no caso a Geográfica Clássica ou Geografia Tradicional.

Ainda sobre o contexto do surgimento da Geografia, Costa e Rocha (2010, p.31), apontam que:

O contexto do surgimento e organização da Geografia está relacionado com o processo imperialista e expansionista das

grandes potências europeias entre os séculos XVIII e XIX. Isso estruturado sobre as bases do positivismo. O fato contribuiu decisivamente para a constituição de uma ciência preocupada em entender aos anseios capitalistas e voltada para a expansão territorial e comercial. A geografia científica nasce durante o trunfo da burguesia na Alemanha e passou a ser usada com fins políticos expansionistas. Os alemães, que entram tardeamente nas relações capitalistas de produção, em razão da unificação tardia, utilizaram a nova ciência para atingir suas necessidades imperialistas de expansão territorial e comercial.

Com as inúmeras transformações que ocorriam nos estados europeus e o decorrente processo de crescimento e expansão do capitalismo, a Geografia adentra em uma nova fase onde novos paradigmas vão se apresentar na finalidade de atender as necessidades do estado e do capital. Podem assim serem citados a questão do determinismo ambiental pautado pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel, o possibilíssimo com o também geógrafo Paul Vidal de La Blache, e o Método Regional com o geógrafo Richard Hartshorne.

Assim pode-se classificar tais paradigmas citados como uma fase inicial da ciência geográfica, mais precisamente na primeira corrente de pensamento, no caso a Geografia Tradicional, tais teorias foram presentes nos estudos geográficos durante o final do século XIX até a metade do século XX, e ainda podem ser observados em muitos estudos atuais trações dessas respectivas bases teóricas.

Quanto as categorias de análise que fundamentaram e forneceram objetos de observação para os primeiros estudos geográficos, e contribuíram para a consolidação da Geografia posteriormente, Corrêa (2000, p.17) discute que:

A Geografia tradicional em suas diversas versões privilegiou os conceitos de paisagem e região, em torno deles estabelecendo-se a discussão sobre o objeto da Geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. Assim, os debates incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região-paisagem, assim como os de paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas.

Com o pós guerra, a partir da década de 1950, a Geografia inicia o que é denominada por Santos (1986), de processo de renovação conceitual, de modo que, posteriormente tal movimento resultou mediante aos processos de desenvolvimento tecnológico, econômico e social global, no surgimento das correntes da Nova Geografia ou Geográfica Teorética quantitativa, e mais adiante nas correntes da Geografia Crítica ou Geografia Marxista e na Geografia Humanista ou Geografia

Global.

Quanto ao caráter de análise da nova Geografia ou da Geografia Teorética Quantitativa, essa corrente emerge de um movimento de renovação entre os estudiosos e geógrafos, e precisamente pautava-se na perspectiva da necessidade de uma reflexão de novas teorias metodológicas que pudessem embasar cientificamente as movimentações e relações sociais, econômicas, culturais e políticas. Nesse caso, a então Nova Geografia sob a influência de um positivismo lógico, caracterizava-se através de uma abordagem sistêmica e quantitativa matemática, com a finalidade de fornecer um cientificismo maior a Geografia, com isso nessa corrente em específico observou-se o emprego de técnicas estatísticas e matemáticas (Corrêa, 2003).

E é precisamente nesse ambiente após as inúmeras discussões acerca das características que agregam o espaço, por meio das necessidades do ser humano e através de suas ações modificadoras, é na corrente do pensamento geográfico teorético-quantitativa que a categoria de análise referente ao espaço geográfico aparece como um conceito-chave da disciplina, firmando assim o caráter mais científico e menos empírico da Geografia moderna. Nesse aspecto, Corrêa (2000, p.20), afirma que: “[...] o conceito de paisagem é deixado de lado, enquanto o de região é reduzido ao resultado de um processo de classificação de unidades espaciais segundo procedimentos de agrupamentos e divisão lógica em técnicas estatísticas”.

É válido ainda ressaltar que, embora não deixassem de ser totalmente utilizados os demais conceitos como lugar, território, região e paisagem, perderam uma maior ênfase a partir da valorização do conceito de espaço, este que passava então a ser tratado com maior aprofundamento teórico.

Com as repentinhas crises teóricas na Nova Geografia, a Geografia Crítica ou Geografia Marxista surge como uma nova corrente do pensamento geográfico a partir da década de 1970, pautada pela teoria do materialismo histórico dialético elaborado pelos alemães Karl Marx e F. Engels, essa corrente preocupou-se com um pensamento crítico acerca das recorrentes e inerentes contradições promovidas no sistema capitalista.

Para Costa e Rocha (2010, p. 37), “[...] A influência do Marxismo significou uma nova orientação na prática política dos geógrafos, que buscaram romper com a neutralidade pregada pelo positivismo e se envolver mais em propostas de mudanças sociais”. Ademais, nessa corrente do pensamento geográfico o novo olhar que se

tinha sobre o espaço caracterizou as suas formas e dimensões, de acordo com a maneira de que o homem se utilizava de seus recursos para interesses políticos ou não.

Já a Geografia Humanista e Cultural, sendo a corrente do pensamento geográfico mais recente, baseia-se na fenomenologia, e procura a valorização das experiências do indivíduo ou do grupo, na perspectiva de compreender o comportamento e as variadas maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares, nesse caso as atitudes dos sujeitos são pautadas a partir da influência da visão particular individual de mundo de cada um (Christofoletti, 1985).

Contrariamente às geografias crítica e teorético-quantitativa, por outro lado, a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real. (Corrêa, 2000, p.31)

O espaço geográfico permite ao ser humano se relacionar com o espaço vivido, de forma direta através de suas ações cotidianas diante das suas necessidades. O que caracteriza um novo espaço a partir de suas percepções científicas e não científicas, ou seja, o homem modifica os conceitos-chave da geografia contribuindo assim para novas análises diante dos processos que surgem. “[...] o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante, enquanto o espaço adquire, para muitos autores, o significado de espaço vivido” (Corrêa, 2000, p.31).

Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma nova versão do que é o espaço, e de que maneira pode ser utilizado para realização de suas necessidades humanas, políticas e religiosas. E é aí onde cada conceito-chave da geografia recebe uma nova identidade, já que cada ser humano o tem uma filosofia de vida individual.

Como se observou, no decorrer das fases da evolução do pensamento geográfico, em cada corrente, foi possível a identificação da utilização de categorias de análise ou conceitos-chave, de maneira que em cada corrente alguns foram colocados como principais e outros menos, na perspectiva fundamentar um objeto de estudo teórico metodológico que fornecesse uma maior base a Geografia.

Partindo desse pressuposto, analisar os conceitos-chave da Geografia torna-se também uma tarefa fundamental ao se buscar um maior entendimento de como essa ciência se desenvolveu nas últimas décadas, e principalmente de como tais

conceitos contribuíram para a constituição de teorias e pesquisas que enriqueceram o debate geográfico tanto nos aspectos socioculturais, socioeconômicos, espaciais e políticos. Dessa forma as seções adiante trarão uma perspectiva individual destes conceitos-chave da Geografia aliando a parte conceitual juntamente com a importância para o pensamento geográfico.

2.1 OS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA

Ao se buscar estudar a Geografia, seja em quaisquer âmbitos, entende-se claramente a necessidade de poder se compreender e entender melhor as relações entre o ser humano e a natureza, suas alterações e técnicas utilizadas, bem como os resultados destes processos (Lorena, 2022). Assim torna-se imprescindível dentro da ciência geográfica a utilização e o conhecimento de conceitos que são fundamentais e precisamente norteiam a prática geográfica. Nesse sentido, tratando-se desses conceitos, Corrêa (2000, p.16) apresenta que:

[...] Como ciência social a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Partindo desse ponto de análise, a respectiva seção abordará inicialmente o conceito de espaço geográfico, como a principal categoria de análise ou conceito-chave da Geografia, apontando conceitos teóricos e suas contribuições nos estudos que relacionam o ambiente de estudo científico da Geografia.

Inicialmente o conceito de espaço geográfico, é tido como uma teoria basilar, pois têm uma considerável complexidade de compreensão e vem sendo discutido desde os princípios da antiguidade até a sua utilização na Geografia moderna. De tal maneira que as discussões acerca do espaço existem desde a Grécia Antiga, colocando-o como uma ferramenta para sistematizar e identificar a localização dos lugares na superfície terrestre (Costa; Rocha, 2010).

O espaço geográfico, considerado objeto central de estudo da Geografia, é reconhecido como as transformações na natureza, em seu estado primário, provocadas pelo homem com base em suas atividades, realizadas pelo seu trabalho. Portanto, tem relação direta

com as técnicas utilizadas num dado momento da história, relativo às variáveis temporais e espaciais. (Sauer, 2016, p.117)

O geógrafo Milton Santos, brasileiro, é um dos principais expoentes da Geografia Crítica Marxista, desenvolve a partir do conceito de espaço um rico e importante diálogo acerca das análises geográficas pautadas pelo materialismo histórico dialético. Com isso de acordo com Santos (1986), o espaço pode ser visto como um conjunto de relações as quais são realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado como também do presente. Sendo, portanto, o resultado das ações da humanidade sobre o seu próprio espaço que são intermediados por objetos tanto naturais como artificiais.

Com isso, Suertegaray (2001, p.3), também entende o espaço como uma “[...] coexistência das formas herdadas (de uma outra funcionalidade), reconstruídas sob uma nova organização com forma novas em construção, ou seja, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstituído no presente”. Assim entende-se claramente que o espaço geográfico acumula as ações dos sujeitos e expressa no por vir tais manifestações justamente a partir de novas funções.

Para Santos (2008, p.67), o espaço é:

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre atender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção do espaço.

Partindo da concepção de espaço “miltoniana” é que é possível evidenciar que as transformações históricas influenciaram significativamente como também diretamente na construção do espaço, pois, conforme o ser humano desenvolveu técnicas e ferramentas para usar os recursos da natureza, surgiram novas paisagens, de modo que novos elementos do espaço precisaram ser considerados.

Com essas considerações, percebemos as transformações referentes ao conceito de espaço geográfico ao decorrer do tempo na Geografia contemporânea, ainda ressaltando que tais mudanças conceituais ainda iram continuar acontecendo,

visto que a renovação conceitual é necessária para a permanência da Geografia a partir da ciência geográfica e da atuação dos geógrafos, em resumo o espaço é marcado pelas vivências e relações de produção desenvolvidas pelo ser humano.

Um segundo conceito-chave da Geografia e também demasiadamente importante e que em muitos momentos no decorrer das correntes do pensamento geográfico foi utilizado como um direcionamento teórico principal foi necessariamente o conceito de região. Que embora possua e seja utilizada de maneira polissêmica é propriamente na Geografia onde a região ganha maior destaque. Sauer (2016, p.125) entende o conceito de região como:

[...] uma porção do espaço determinada por certas circunstâncias especiais, que podem ser relacionadas aos aspectos físico-naturais, como o clima, a topografia ou a cobertura vegetal, ou aos aspectos socioeconômicos e culturais, como o nível de desenvolvimento, a forma de governo ou a diversidade religiosa.

Logo mais, percebe-se que o conceito de região está intimamente interligado à noção de diferenciação e de caracterização de áreas da superfície terrestre, e essa respectiva definição é proveniente dos interesses de quem a cria ou promove. Para Corrêa (2003, p.22), “[...] a aceitação do conceito está na ideia de que a “superfície da terra é constituída por áreas diferentes entre si”.

Quanto ao surgimento da região, Gomes (1995), esclarece na obra “Geografia: Conceitos e Temas” que o termo região remete aos tempos da antiguidade, mais precisamente do império romano, onde “região” deriva do latim *regere*, sendo nesse caso as *regiones* uma determinada denominação de áreas subordinadas as regras da magistratura de Roma.

E tratando acerca de sua etimologia, o termo região indica a respectiva extensão e o poder perante uma determinada área que no decorrer dos seus processos históricos sofreu diferentes percepções sendo eles de “[...] subdivisão de espaços, como espaços administrativos limitados e hierarquizados” (Suertegaray, 2005, p.55).

[...] a região é considerada uma entidade concreta, resultado [...] da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos (Corrêa, 2003, p.47).

Em sua obra “Regional Global”, o geógrafo Rogério Haesbaert, também procurou dar ênfase ao entendimento e aplicação do conceito de região, para o autor a região pode ser entendida de duas formas as quais ele denominou de “viés racionalista” e “viés realista”, assim inicialmente a região apresenta-se como uma necessidade movida pelos interesses do sistema capitalista, no qual a sua criação parte do aspecto intelectual do pesquisador. E também ainda pode ser tida como algo ligeiramente concreto, onde a região existe a partir das diferenciações existentes no espaço (Haesbaert, 2010),

Uma outra direção relacionada ao conceito-chave de região na Geografia é a de sua função como ferramenta de ação e controle dos estados, nesse ponto o conceito de região é visto como uma forma de dividir e caracterizar o território ou espaço em um determinado contexto e através das regionalizações (recortes espaciais), é possível proporcionar um considerável desenvolvimento socioeconômico principalmente a níveis locais.

O conceito de região tem sido largamente empregado para fins de ação e controle. Mais precisamente, no decorrer da prática política e econômica de uma sociedade de classes, que por sua própria natureza implica a existência de formas diversas de controle exercido pela classe dominante, utilizam-se o conceito de diferenciação de área e as subsequentes divisões regionais, visando ação e controle sobre territórios militarmente conquistados ou sob a dependência político-administrativa e econômica de uma classe dominante. (Corrêa, 2003, p.25)

Desse modo é possível identificar no conceito de região uma pluralidade de possíveis definições conceituais ou de atuação, o que consequentemente aflorou em alguns momentos da história do pensamento geográfico em um processo de crise conceitual da região, chamado assim por muitos de “morte e vida da região”, visto que por muitos períodos a região deixava-se de ser mais utilizada ou era substituída por outros conceitos, porém com o passar dos tempos sempre retornou e ficou presente nas discussões da ciência Geográfica.

Assim a importância da região torna-se evidente mediante as múltiplas necessidades de suas aplicações, sendo, portanto, um conceito de grande e imprescindível presença na Geografia, seja como uma categoria que analisa e recorta

os espaços da superfície terrestre ou como uma ferramenta de atuação dos geógrafos e ou dos estados e organizações.

Ainda adentrando aos conceitos que analisam os movimentos superficiais do espaço, a paisagem como um conceito da Geografia também se faz importante e deve ser analisada no decorrer das fases do pensamento geográfico. Visto que Para Santos (2014), assim como o espaço, a paisagem resulta de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, é um mosaico de formas, funções, sentidos e relações.

Na Geografia ainda durante as primeiras formulações conceituais em meados do século XIX, a paisagem inicialmente emerge perante a relação com o aspecto do natural, sendo compreendida a partir do entendimento dos elementos naturais como o clima, vegetação, solo e relevo, e posteriormente relacionando estes com os aspectos humanos, assim a paisagem era tida como uma combinação entre as relações existentes entre o homem e o meio ambiente.

De acordo com Colavite e Passos (2010, p.1143): “[...] a paisagem surge na geografia como um dos primeiros conceitos basilares e desenvolve-se sob variadas perspectivas teórico-conceituais e metodológicas, circunstanciadas pelo momento histórico atravessado”.

O conceito de “Paisagem” é um dos conceitos-chaves da Ciência Geográfica o que na perspectiva de Santos (2014, p.67-68): “[...] tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a visão abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”. O autor enfatiza que a paisagem é sempre heterogênea, e que esta não se cria de uma só vez, mas, por acréscimos e substituições, sendo uma herança de muitos de momentos. “[...] a paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança” (Santos, 2014, p.74); ou seja, a paisagem não é estática.

A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, “invisível”, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade (Serpa, 2010, p.133).

Pode-se compreender a partir dessas considerações que o conceito de Paisagem assim como a região assemelham-se por não serem conceitos estáticos e envolvem também a questão do tempo e espaço, a partir das ações dos sujeitos tanto o espaço como as paisagens podem ser modificados como também produzidos.

Entretanto, é indispensável analisar no conceito de paisagem a presença de elementos fundamentais que a possam diferenciar ou caracterizá-la. Portanto, pressupõe-se ser possível, a partir da paisagem e de seus simbolismos, perceber e compreender as características das sociedades em diferentes tempos e espaços. Isto ocorre porque, conforme o ser humano modifica a natureza, as paisagens consequentemente se transformam de naturais para culturais, trazendo novas representações do mundo (Luchiari, 2001).

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e molda para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado (Claval, 2001, p.14).

Neste mesmo sentido, ressalta-se que a paisagem apresenta um importante papel na compreensão do espaço, e na concepção de Baldin (2021), a paisagem liga o passado, o presente e aponta o futuro, numa convivência de distintas temporalidades, “[...] como um produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem. Portanto, ela não é estática, está em constante transformação” (Baldin, 2021, p.08).

Barbosa e Gonçalves (2014, p.107), explicitam que a abordagem da paisagem como uma categoria de análise: “[...] transpassa todas as fronteiras pertinentes a discussão sobre a divisão da ciência geográfica entre o físico e o humano, transcreve as relações entre homem e natureza, entre social e o físico e assim o Geógrafo deve considerá-la em sua análise”.

Mediante as reflexões no âmbito da ciência geografia, é possível compreender a Paisagem como uma materialidade das relações sociais, e que esta revela representações e significados, como a identidade socioespacial.

Para Bertrand (2004, p.141):

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Diante do exposto apresentado, a Paisagem deve observada não apenas como um “amontoado” de elementos geográficos desorganizados, mas que esta apresenta resultados de movimentos espaciais e temporais construídos a partir da dinâmica e interação de elementos biológicos, físicos, sociais, que são e estão em constantes transformações. Segundo a concepção de Santos (2008, p.73): “[...] uma Paisagem é uma escrita sobre a outra, é o conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”.

Ao adentrar nas definições e concepções acerca o conceito-chave de lugar na Geografia, pode-se perceber uma maior valorização e utilização da percepção lugar justamente a partir da fase corresponde a Geografia Humanista e cultural, muito em função das novas relações existentes na sociedade contemporânea, onde o lugar emerge da importância de caracterizar e definir espaços próprios, em contra partida os intensos processos promovidos sob a influência do capitalismo e da globalização os quais estimulam a homogeneização de características socioculturais, socioeconômicas e políticas.

Com isso entende-se que o conceito de lugar relaciona-se com à realidade da escala local ou regional dos sujeitos. Como afirma Carlos (1997, p.303):

[...] o lugar aparece como um fragmento do espaço onde se pode aprender o mundo moderno. Uma vez que o mundial não abale o local. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresenta como o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.

Ainda segundo Cavalcanti (1998), o lugar a partir de uma concepção fundamentada na Geografia Humanista pode ser compreendido como um espaço vivido, que é construído a partir das interferências culturais e sociais, sendo esse espaço carregado de significados e afetividades, portanto, o lugar deve ser visto e estudado por meio de relações e ligações subjetivas estabelecidas entre o sujeito e o espaço. Já de acordo com Sauer (2016, p.123), o: “[...] Lugar constitui a dimensão da

existência que se manifesta por meio de um cotidiano compartido entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições, em que cooperação e conflito são a base da vida em comum". Analisando essa afirmação o lugar é tido como uma particularidade subjetiva do indivíduo, onde cada um tem no seu particular as definições de suas vivências e afetividades, o que para a Geografia contemporânea essas singularidades são conferidas ao lugar.

O lugar é criado por seres humanos para propósitos humanos. Cada fileira de árvores ou de casas existia originalmente como uma ideia, que depois se tornou realidade palpável. Um edifício, um parque ou uma esquina de rua, no entanto, não subsistem como lugares simplesmente porque são realidade tangível e foram concebidos originalmente como lugares. Para que resista como um lugar, deve ser habitado. Viver em um lugar é experienciá-lo, é estar ciente dele tanto nos ossos, como na cabeça. [...] O lugar, em todas as escaras, da poltrona à nação, é um constructo da experiência; é sustentado não apenas pela madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana. (Tuan, 2018, p.14-15).

Assim como o conceito de região o lugar pode ser reproduzido, intencionalmente ou não, nesse caso o que pode defini-lo são as concepções de afetividade, muito pautadas pelas expressões do cotidiano. A importância de compreender o lugar na Geografia decorrer muito em função das influencias globais sobre o local e o regional.

Como afirma Carlos (1997), ao enfatizar que o lugar é percebido na articulação entre o mundial e o global, como fragmento de um espaço onde se pode conhecer o mundo. Deste modo "[...] Enquanto parcela do espaço, enquanto construção social, o lugar abre perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço". (Carlos, 1997, p.303). Assim analisar o lugar é imprescindível para o estudo da ciência geográfica, e essa perspectiva reflete justamente na realidade atual, onde cada vez mais o lugar está sendo tratado com maior ênfase muito em função das necessidades espaciais de análise.

De acordo com Costa e Rocha (2010), o conceito-chave de território vem sendo amplamente utilizado na ciência geográfica nas últimas décadas muito em decorrência de sua hábil aplicação e funcionalidade de perceber as disparidades do espaço geográfico. Etimologicamente a palavra território que deriva do latim *territorium* é compreendido como um pedaço de terra apropriado, dentro dos limites de uma jurisdição político administrativa.

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem é plenamente realizada a partir das manifestações da sua existência. [Nesse sentido] a Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, na nação, do lugar. (Santos, 2002 p.09)

Segundo Souza (2003), a concepção de território pode ser aplicada quando entende-se que este conceito é definido a partir do estabelecimento de relações de poder, que enraízam-se nos espaços e o delimitam a partir da influência de estados, nações ou grupos. Silva e Silva (2012, p.09), sobre o território e as relações de poder discutem que: “[...] A partir do espaço os atores sociais territorializam o espaço no momento que dele se apropriarem. Assim, a depender das diversas escalas, os atores sociais produzem territórios a partir de estratégias de seus interesses as quais comumente se chocam”.

Logo com isso o território e suas respectivas análises na Geografia contemporânea tornam-se necessários a partir das necessidades de compreensão de como articulam-se as grandes potências hegemônicas do capitalismo moderno, que na busca pelo poder ampliam os horizontes referentes aos seus territórios.

Sendo o território um dos conceitos mais importantes para a Geografia, ao lado da região, paisagem, lugar e espaço, é concebido como uma ferramenta útil para compreender as diferentes formas de apropriação do espaço, seu uso e ocupação. Auxilia-nos a compreender as relações de poder existentes na sociedade e que justificaram sua delimitação em certos momentos históricos, assim como sua alteração e acréscimos ao longo do tempo (Stürmer; Costa, 2017, p. 51).

Assim podemos avaliar o território como um processo de controle e de delimitação seja de pessoas ou de uma área em específico, nas quais as escalas podem variar de micro para macro a partir do contexto estabelecido. Nesse sentido Saquet (2004), aponta que o território é objetivado por relações sociais contidas e abstratas, de poder e dominação, o que implica a cristalização de uma territorialidade.

Um território é produzido, ao mesmo tempo, por relações políticas, culturais e econômicas, nas quais as relações de poder inerentes às relações sociais estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão, de controle do espaço geográfico. O território é apropriado

e construído socialmente, fruto do processo de territorialização, do enraizamento; é resultado do processo de apropriação e domínio de um espaço contidamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações socioespaciais (Saquet, 2004, p.128-129).

Com isso, o entendimento de que existem consideráveis avanços no emprego do conceito de Território na Geografia tem possibilitado uma maior utilização desse tema em muitos trabalhos e pesquisas críticas acerca das preocupações relacionadas a partir do uso e da apropriação territorial, colaborando e expandindo assim as aplicações dos estudos sobre os territórios, evidenciando assim o aspecto dinâmico da própria Geografia como ciência.

3 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalhar os conteúdos geográficos na perspectiva do ensino de geografia, principalmente na educação básica, mesmo que nos dias atuais mediante as variadas possibilidades metodológicas, é de fato um desafio para os professores de Geografia. Dada a sua importância como disciplina presente no currículo da educação básica, a Geografia a partir do âmbito do ensino tem, considerando as transformações da contemporaneidade, gerado um leque de discussões que permeiam os debates nos variados campos, seja desde os trabalhos acerca da formação do currículo, à composição de novas pesquisas no contexto acadêmico que discorrem a temática.

Considerando inicialmente a presença da Geografia como uma disciplina escolar, esta emerge, de acordo com Rocha (1998), ainda no cenário do Brasil imperial, a partir de sua institucionalização no currículo prescrito oficialmente em 1837 para o "Imperial Collegio de Pedro II", nesse caso a Geografia apresentava-se como uma disciplina que buscava entender a presença e os processos decorrentes dos elementos e fenômenos naturais.

Embora muito influenciada pelo pensamento geográfico do continente europeu, a Geografia e os estudos geográficos, presentes no território brasileiro foram no decorrer dos anos alcançando novas proporções. Assim mediante as novas discussões que a própria ciência geográfica iria formulando em sua evolução científica, tais estudos geográficos buscaram nas décadas seguintes acompanhar as diversas dinâmicas presentes no território brasileiro, como também em um aspecto global.

É a partir da década de 1930, com a intensas transformações no cenário político brasileiro, com o então Governo do Presidente Getúlio Vargas, que observa-se uma tentativa do estado em promover um processo de organização institucional no país, nesse contexto alguns órgãos governamentais são criados com a finalidade de estabelecer uma maior organização e centralização de poder. No caso da educação o Ministério da Educação procurou justamente priorizar uma organização do ensino que era aplicado no país.

Na década de 1930, a educação passa a ter importante papel na construção do projeto de Estado. Ocorre a adoção de uma política de organização do sistema nacional de educação. Em 1931, o presidente Getúlio Vargas assina a reforma Francisco Campos, então ministro do recém-criado Ministério da Educação, que é incumbido de estabelecer

um projeto de ensino para o país. Essa reforma amplia o ensino da Geografia, que passa a compor a grade curricular de todas as séries do Ensino Secundário. (Pezzato, 2018, p.250).

No decorrer das décadas seguintes, a educação ganhou status de prioridade do estado brasileiro, passando então a ser vista como um dos instrumentos básicos que garantiriam a segurança nacional e institucional do país. No mesmo seguimento desta percepção o conhecimento geográfico também foi visto pelo estado brasileiro como essencial aos processos de consolidação de políticas pró educação, de modo que através da Geografia na educação básica, era possível transmitir a importância de um melhor conhecimento acerca do território nacional, garantindo assim um novo perfil para a Geografia.

Segundo Ferraz (1994, p.84-85), essa nova perspectiva para a disciplina de Geografia pode ser vista da seguinte forma:

[...] com trabalhos de campo, aulas práticas, uso de recursos didáticos como mapas e globos; passou a tentar estabelecer relações entre os diversos componentes de dada paisagem estudada, não se atendo ao meramente taxonômico e nomenclatural; introduziu novos temas e conceitos como a questão do urbano, do rural, da industrialização etc., bem em sintonia com as mudanças por que passava o país e conforme almejavam muitos intelectuais da época.

Nesse mesmo período a intensificação dos estudos geográficos e preocupações do governo brasileiro em integrar o seu território partiu muito em decorrência do aprofundamento dos estudos geográficos, principalmente ao final da década de 1930 para 1940, com a criação de órgãos públicos como o próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, O conselho nacional de Geografia – CNG, a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), além também do surgimento dos primeiros cursos de formação de professores de Geografia.

Desse modo, entende-se a importância da introdução da Geografia no país não apenas no caráter da educação, que por sua vez foi demasiadamente importante, mas também nos processos de organização territorial e de desenvolvimento do estado brasileiro. Nessa perspectiva, Pezzato (2018, p.251), considera que: “[...] Tais fatos, entre outros, foram de fundamental importância para a formação do professor especialista e para a construção da trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar nacional”.

Mediante a sua importância nos anos seguintes da década de 1950 até 1980, a disciplina de Geografia introduzida nos currículos escolares, obteve notória importância sendo tratada como uma das principais disciplinas do currículo presente na educação básica, de maneira que muitos estudiosos e pesquisadores do âmbito geográfico, através de suas obras contribuíram com estudos, livros, mapas, atlas e pesquisas, das quais estas foram introduzidas na educação básica e contribuíram com a formação de inúmeras pessoas, podendo assim destacar as obras de grandes autores como Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo, grandes geógrafos que enriqueceram por anos os trabalhos referentes a Geografia Brasileira.

Considerando assim a evolução dos processos de organização da educação brasileira e respectivamente a organização curricular para a educação básica, no decorrer da década de 1980 para 1990, o Brasil ingressou para um novo rumo. O estado brasileiro através da atuação do Ministério da Educação – MEC, juntamente com os estados integrantes da União, mobilizaram em um primeiro momento a organização de processos voltados a elaboração de propostas curriculares oficiais o que mais adiante resultaria na formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)¹.

Dada a importância dos PCNs, estes possibilitaram uma maior organização das diretrizes curriculares no país. O que de acordo com Pezzato (2018, p.252): “[...] os PCNs pretendiam promover certa uniformização e homogeneização do ensino de âmbito nacional, em especial no campo do currículo”. Na concepção de Pontuschka (1999), os PCNs também apresentam uma percepção oposta, voltada justamente aos interesses econômicos do Estado referentes a Educação Brasileira, ainda segundo a autora:

Os PCNS, portanto, não constituem um projeto isolado, mas fazem parte de políticas públicas educacionais iniciadas com a LDB/96 e estabelecidos de acordo com as determinações de políticas mais amplas ditadas pelo conjunto de países centrais para os países chamados emergentes, como o Brasil, sob o respaldo e a cooperação

¹ Lançados em 1998, os PCNs fazem parte de uma série de reformas na educação brasileira colocadas em prática desde o início da década de 1990. Tais reformas dialogam profundamente com a difusão de uma lógica de Estado pautado nos princípios neoliberais e que tiveram no Plano Diretor da Reforma do Estado, lançado em 1995 pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, seu documento norteador, resultando em um amplo processo de privatização dos serviços públicos e das empresas estatais (Girotto, 2016, p.426-427).

do Estado, e que afetam profundamente o trabalho pedagógico das escolas brasileiras (Pontuschka, 1999, p.14).

A relação da presença da Geografia como componente curricular dos PCNs, surge de uma perspectiva integradora onde os conteúdos existentes e as respectivas diretrizes para a formulação curricular da disciplina, consistem em um direcionamento para a presença de conteúdos que trabalhem as relações sociais com os ambientes naturais.

Caívalcanti (1999), discute que no que se refere aos PCNs da proposta curricular para o ensino de Geografia, alguns conceitos são selecionados como norteadores de toda a estruturação dos conteúdos da 1.^a fase do ensino fundamental (1.^º e 2.^º ciclos) e da 2.^a fase (3.^º e 4.^º ciclos), sendo eles as categorias de análise como o lugar, paisagem e território e região. A respeito da integração desses conceitos, o documento esclarece:

Outro critério fundamental na seleção de conteúdos refere-se às características de análise da própria Geografia. Procurou-se delinear um trabalho a partir de algumas categorias consideradas essenciais: paisagem, território, lugar e região. A partir delas é que podemos identificar a singularidade do saber geográfico (Brasil, 1998, p.39).

No avançar da lógica neoliberalista adentrando no contexto político e econômico nacional, com as muitas transformações no quadro socioeconômico brasileiro nas décadas seguintes, a partir da década de 2010, novas políticas e preocupações acerca da organização curricular da educação brasileira foram evidenciadas, o que resultou em novas propostas que seriam lançadas nos anos seguintes e que mudariam novamente o rumo da educação básica no país.

E principalmente a considerar a Geografia como componente curricular, a partir da introdução das novas diretrizes de ensino, com a nova Base Nacional Comum Curricular - BNCC, importantes mudanças acontecem no cenário da educação brasileira. Dessa forma, a seção seguinte, trata para a discussão os efeitos e implicação da introdução da BNCC na formação do currículo da disciplina de Geografia na educação básica, analisando assim as principais induções para a formulação do ensino e da aprendizagem evidenciados no novo ensino geográfico, considerando dessa maneira os principais conteúdos que são direcionados na formação dos alunos.

3.1 A BNCC E AS DIRETRIZES PARA O ENSINO GEOGRÁFICO

Ao analisarmos o contexto da estruturação da educação no Brasil, desde a sua introdução no período colonial até a contemporaneidade, os processos históricos relacionados são cheios de altos e baixos, disputas e debates, que em sua maioria procuraram além de uma unificação do que é ensinado a também universalização do ensino.

Nos dias atuais, como é sabido, a educação é um direito de todos, e na própria Constituição Federal – CF de 1988, esta é explícita e clara quanto a este direito do cidadão brasileiro. Porém, ao nos tratarmos exatamente da educação a partir dos marcos legais, nos deparamos com os processos organizacionais curriculares da educação básica, que é uma tomada importante ao considerar o desenvolvimento da educação no país.

Partindo dessa conjuntura, pode-se afirmar no contexto histórico da educação brasileira, a evidência uma preocupação do estado em poder definir aparatos legais que se responsabilizem em estabelecer diretrizes para todos os níveis da educação em geral, sendo assim tais aspectos consideráveis contribuições que garantiram e garantem perspectivas positivas a esse quadro no âmbito nacional.

Tais contribuições que propuseram essa organização na estrutura da educação nacional podem ser vistos através das ações do estado brasileiro, que durante anos, por meio da atuação e desenvolvimento de políticas públicas, criaram planos, documentos e leis, que forneceram um aparato regulamentário para a educação, podemos destacar como principais atuações e políticas, a própria Constituição Federal de 1988 (CF/88), que garante o acesso da educação para todos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNEB/2013), A criação do Plano Nacional de Educação (PNE/2014), e o mais recente a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017).

Se tratando da BNCC², atualmente trata-se de um documento normativo que contém orientações e diretrizes para a formulação dos currículos da educação básica.

² A BNCC foi prevista na Constituição de 1988 (artigos 205 e 210), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96 – inciso IV do artigo 9º, artigo 26) de 1996, na alteração da LDB em 2017 (Lei 13.415/17 – artigo 35-A e artigo 36, parágrafo 1º), no Plano Nacional de Educação de 2014 (Lei 13.005/14 – meta 7) e sua versão final foi redigida em 2017 (Aresi, 2018, p.05).

Ela dispõe além dos respectivos conteúdos das disciplinas desde a educação infantil ao ensino médio e contempla além do mais as respectivas habilidades e competências a serem desenvolvidas no espaço escolar em todos os níveis de ensino no desenvolver do processo de ensino aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (Brasil, 2017, p.05)

A respeito do ensino de Geografia, que compreende ao conteúdo de ciências humanas na BNCC, esse tem sido um ambiente de muitas discussões e debates que são presenciados desde a formulação desse respectivo documento, considerando principalmente o debate político e ideológico que se fez presente no país, e que foi de forte influência no campo da educação.

Assim, tratando-se da área de ciências humanas na BNCC, a qual inclui os componentes curriculares da Geografia, a respeito dos conteúdos e objetivos que são tratados como necessários a partir da formação de saberes dos estudantes, o documento direciona para uma compreensão sócio-histórica da nossa realidade. De acordo com Azambuja (2019, p.3645): “[...] essa capacidade de compreensão pressupõe o raciocínio espaço-temporal, a leitura contextualizada dos fatos e ou fenômenos naturais e históricos constituintes de sociedades determinadas”.

Como pode ser observado, tais direcionamentos são vistos no documento da seguinte forma:

Ao longo de toda a Educação Básica, o ensino das Ciências Humanas deve promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza. Dessa maneira, a área contribui para o adensamento de conhecimentos sobre a participação no mundo social e a reflexão sobre as questões sociais, éticas e políticas, fortalecendo a formação dos alunos e o desenvolvimento da autonomia intelectual, bases para uma atuação crítica e orientada por valores democráticos (Brasil, 2018, p.354).

Ao relacionar a constituição desses saberes, a partir da análise da BNCC, e da presença do componente curricular Geografia, nota-se um direcionamento para o

aprofundamento do raciocínio geográfico para fundamentar e expressar a atribuição de leitura de mundo por meio do pensamento espacial (Azambuja, 2019).

Essa é a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza. Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fatural (com destaque para os acontecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania. (Brasil, 2018, p. 360)

Das muitas críticas presentes acerca da formação curricular da educação básica no país, principalmente a respeito da BNCC, e a sua relação com as ciências humanas e a Geografia, muito se discute a respeito da expressão de um currículo pautado pela políticas neoliberais, e da formação mercadológica e tecnicista, que na maioria das vezes tal respectivo viés ideológico influí diretamente nas ciências e disciplinas do currículo que trabalham como objeto de estudo as questões e problemáticas sociais.

A Geografia por sua vez, por ser uma das ciências que tem no social um rico e extenso leque de críticas as problemáticas socioespaciais contemporâneas, também é influenciada pela falta de questões próprias e específicas aos debates na área da Geografia humana que são praticamente inexistentes nas diretrizes da BNCC, estes que a partir de sua importância aprofundam a constituição e formulação de um pensamento crítico no decorrer da formação dos estudantes.

Nesse contexto muitos autores trabalham a partir da importância da atuação docente em contrapartida, principalmente na disciplina de Geografia, promover a ampliação desse conhecimento geográfico, como argumenta Guimarães (2018, p.1047):

Nessa perspectiva, é indispensável ao ensino de Geografia propiciar ao aluno desafios intelectuais e, por conseguinte, ultrapassar o saber comum. Nem sempre o desafio intelectual do aprendiz e a atividade de estudo vão ser mobilizados quando os professores ficam ancorados nos contextos de vida. É preciso ir além, sabendo que aprender geografia é uma atividade intelectual e que só há engajamento do aluno quando este confere sentido à atividade realizada.

Com isso, analisando as múltiplas abordagens que podem ser utilizadas a partir das diretrizes contidas na própria BNCC, o professor de Geografia pode ser um elemento imprescindível nas etapas da formação escolar da educação básica. Entretanto, analisar, e compreender os principais elementos e conteúdos que devem ser abordados no ensino de Geografia na educação básica também é uma tarefa importante e que deve seguir uma lógica de raciocínio existente no próprio pensamento geográfico, a partir da análise e compreensão das bases teóricas das disciplinas que podem ser encontradas a partir do estudo das principais categorias de análise e ou conceitos-chave.

Desse modo a seção a seguir pretende discutir os principais conteúdos existentes nas propostas curriculares, como no caso da BNCC, e assim relacionar o aprendizado desses conteúdos com a realidade vivida dos estudantes, observado então a relação dos conceitos-chave quando estes aplicados aos conteúdos do ensino básico.

3.2 AS ABORDAGENS CONCEITUAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

As abordagens contidas no currículo geográfico podem ser trabalhadas desde a formação do currículo inicial ainda no contexto dos PCNs, como também na atualidade a partir do estabelecimento da BNCC, de maneira que realizar essa comparação entre as diretrizes de ensino, torna-se importante para a compreensão de como os estudos geográficos foram planejados na educação básica do país.

Inicialmente, podendo analisar a abordagem conceitual dos PCNs, observa-se um direcionamento ao estudo e a presença dos conceitos-chave da Geografia, os quais são elementos essenciais a formulação de um raciocínio geográfico, capaz de analisar a atuação do homem com a natureza. Como argumenta Aresi (2018, p.08):

Na geografia, os PCNs trazem a necessidade de estudar o espaço geográfico como objeto principal de estudo da disciplina, porém, não somente ele, devendo contemplar também as categorias de análise como a paisagem, o território e lugar. Esta abordagem deve iniciar no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, ganhando grau de complexidade ao longo dos demais.

Além de proporem um estudo acerca da importância de estudar conceitos como os de sociedade, cultura, trabalho e natureza, os PCNs também incluem em suas diretrizes do ensino geográfico uma percepção de relacionar os estudos sobre a relação entre sociedade e da natureza (primeira e segunda naturezas), sendo este realizado de maneira conjunta, buscando entender que ambas: “[...] constituem a base material e física sobre a qual o espaço geográfico é construído” (Brasil, 1998, p. 115).

Portanto, é necessário discutir essa importância de relacionar a presença do homem e de sua relação com a natureza no ensino de Geografia, de modo que em complementação deve-se também relacionar os demais conceitos-chave da disciplina para a realidade dos alunos, assim a consolidação da relevância dos PCNs, é notória e considerou a singularidade conceitual existente no pensamento geográfico moderno.

Como foi anteriormente mencionado, a BNCC, desenvolvida no decorrer de conflitos políticos no contexto nacional, transforma as diretrizes de ensino e engloba a partir das ciências humanas uma abordagem mais direcionada ao mundo do trabalho e formação tecnicista, diferentemente dos PCNs os conteúdos existentes no ensino de Geografia são mais amplos e extensos e na maioria das vezes observa-se a necessidade de um aprofundamento maior em relação a formação de um pensamento crítico que deve ser inerente a Geografia como também as demais ciências humanas e sociais.

Ressaltando assim o contexto da BNCC, principalmente na área das Ciências Humanas, quanto a sua abordagem conceitual esta apresenta os conceitos fundamentais como o de espaço e tempo, destacando que o: “[...] raciocínio espaço-temporal baseia-se na ideia de que o ser humano produz o espaço em que vive, apropriando-se dele em determinada circunstância histórica” (Brasil, 2017, p.351).

Quanto ao tratamento dos conteúdos contidos no componente curricular de Geografia na BNCC, na respectiva área de ciências humanas, Aresi (2018, p.11), ainda discute que:

No que se refere especificamente a geografia, a BNCC traz a ideia de que os alunos devem ser estimulados para desenvolver o raciocínio geográfico, ou seja, em seu desenvolvimento intelectual o aluno deverá apoderar-se de conhecimentos de mudança de escala, efeitos de distância, orientação e localização de objetos, concepções hierárquicas, tendências a dispersão e a concentração, entre outros, que poderão influenciar na compreensão de outros componentes

curriculares que necessitam também destes conhecimentos prévios.

Considerando ainda a organização do documento este no que se refere ao componente de Geografia na BNCC este foi dividido em cinco unidades temáticas: 1) o sujeito e o seu lugar no mundo; 2) conexões e escalas; 3) mundo do trabalho; 4) formas de representação e pensamento espacial e; 5) natureza, ambiente e qualidade de vida. Com base nos princípios da geografia contemporânea. Embora o conceito de espaço esteja colocado como o principal conceito da geografia, outros conceitos como território, paisagem, lugar, região e natureza também possuem seus espaços de análise e são considerados relevantes para o desenvolvimento do raciocínio geográfico (Aresi, 2018).

Entretanto, ao argumentar a presença desses conteúdos, é necessário ainda enfatizar a relação de que estes em cada etapa de ensino podem obter abordagens no processo de ensino aprendizagem distintas, principalmente nos anos finais, como é o caso do ensino médio, muito em função dos direcionamentos da reforma do ensino médio que complementou a formulação das diretrizes de ensino.

Além do mais, cabe ressaltar a questão dos currículos locais, que também são importantes e consideram na formulação dos conteúdos uma percepção que é direcionada para os aspectos regionalistas, e principalmente no que se trata da disciplina de Geografia são cada vez mais trabalhados no ambiente de sala de aula.

4 O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ESCOLAS DE TERESINA

Trabalhar a perspectiva do ensino da disciplina de Geografia, no cenário local é uma tarefa importante, mediante as variadas abordagens que o decorrer do processo de ensino-aprendizagem necessita. Para Santos (2008, p.314): “[...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Assim considerar a importância de debater geograficamente os conteúdos da disciplina ressaltando os aspectos locais, contribui significativamente na formação do pensar espacial do aluno.

Entender assim os aspectos relacionados aos conteúdos geográficos no contexto local, deve iniciar a partir da compreensão da formação das diretrizes contidas no currículo local, de maneira que, por meio da proposta curricular presente nos respectivos órgãos competentes torna-se mais dinâmico a compreensão de como deve-se ocorrer a formulação e o desenvolvimento do ensino da disciplina.

No recorte espacial que trata a pesquisa deste trabalho a cidade de Teresina-PI, coloca-se em evidência, por ser o espaço no qual está inserida a escola pesquisada. A proposta do currículo da disciplina de Geografia, na grande maioria das escolas locais é baseada e formulada através dos direcionamentos dos órgãos municipais, como a própria secretaria de educação do município de Teresina – SEMEC.

Cabe ressaltar, que o currículo proposto a nível municipal, pela Prefeitura Municipal de Teresina - PMT, segue as diretrizes contidas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, e acrescenta assim as definições regionalistas ao currículo, de maneira que essa base também é trabalhada além das escolas da rede pública, municipal e estadual, nas escolas particulares da cidade.

Ao entender o currículo como chave da organização do ensino, Sacristán (2013, p.16-17), argumenta que:

[...] o currículo também tem o sentido de construir a carreira do estudante e, de maneira mais concreta, os conteúdos deste percurso, sobretudo sua organização, aquilo que o aluno deverá aprender e superar e em que ordem deverá fazê-lo. [...] o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regulam a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade.

Portanto, ao definir o currículo como um direcionamento para a formação do aluno no processo educacional, relacionar os conteúdos presentes no decorrer do ensino é necessário, e o professor deve além de conceituar os conhecimentos cotidianos aos conhecimentos científicos, deve proporcionar métodos para o desenvolvimento cognitivo e pessoal, de modo que o aluno possa compreender e relacionar-se com a sua respectiva realidade.

Se tratando do currículo da disciplina de geografia, bem como o seu respectivo desenvolvimento, este é ligado inteiramente ao próprio desenvolvimento das diretrizes curriculares nacionais, e segue assim as orientações recomendadas pelo ministério da educação -MEC, a BNCC, desenvolvida na prática a partir do ano de 2017, representou no aspecto local uma renovação e readequação do currículo local³, assim tornou-se necessário um processo de consulta com representantes de vários setores da sociedade e da área específica da educação, como é informado no próprio documento.

[...] foram organizados grupos de estudos e de trabalho, inicialmente com técnicos da Semec, depois com professores, diretores e coordenadores pedagógicos de diversos segmentos, por área de conhecimento. Foi promovido um Seminário Municipal, reunindo diretores, professores e coordenadores pedagógicos de todas as escolas do ensino fundamental da Rede, ao lado de técnicos e especialistas na temática e realizou-se consulta pública, envolvendo, por meio de questionário, 10.171 estudantes e 921 professores e pedagogos de 154 escolas (10 de educação infantil e 144 de ensino fundamental). O envolvimento, por um lado, aproximou das definições curriculares os diferentes atores que fazem o ensino na Rede Municipal, tornando-os partícipes, como quer o art. 6º da Resolução do Conselho Nacional; por outro, demonstrou como os currículos escolares se integram às ações pedagógicas e ao aprendizado. Desse modo, o novo currículo da Rede Municipal de Ensino de Teresina acolhe os saberes e práticas presentes em sua realidade, conformando a Base Nacional Comum, como previsto no Art. 8º da Resolução, ao seu contexto e características (Teresina, 2018a, p.17).

Assim, ao considerar a organização curricular para o ensino de Geografia na

³ O currículo municipal de Teresina-PI, sobretudo, com relação ao da disciplina Geografia, que possui relação com a BNCC, uma vez que o currículo da cidade incorporou características locais a partir das orientações curriculares propostas no documento nacional, proporcionando aos alunos o conhecimento da Geografia da cidade. Em contrapartida, esse currículo foi ampliado com orientações do currículo local, pois apresentou competências acrescentadas pelos seus desenvolvedores (Silva Neto; Silva. Araújo, 2022, p.87).

cidade de Teresina, este divide a sua organização conforme a orientação proposta pela Lei nº 9.394/1996, denominada de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, em anos iniciais contemplando 1º ciclo (1º e 2º ano), 2º ciclo (3º, 4º e 5º ano), e anos finais contemplando 3º ciclo (6º e 7º ano) e 4º ciclo (8º e 9º ano)⁴.

Desta forma, o currículo local apresenta-se em duas partes, a primeira consistindo no caráter introdutório e de apresentação, o qual é comum as demais disciplinas, e a segunda parte, mais específica, delineia os principais conteúdos e elementos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na Geografia escolar, consistindo principalmente nas: concepções que fundamentam o ensino, as unidades temáticas, os objetos do conhecimento, as habilidades com os respectivos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e as orientações didáticas para a efetivação do Currículo.

Com relação ao direcionamento para o contexto do ensino escolar de uma Geografia contemporânea e crítica, a elaboração de um currículo de Geografia para Teresina, voltado para o Ensino Fundamental, pressupõe olhares e saberes sobre as transformações pelas quais passam o mundo e que podem ser verificados nos contextos brasileiro, piauiense e teresinense (Teresina, 2018a).

Pensar desta forma o contexto local sob diferentes formas e perspectivas colabora para a formação de um pensar geográfico, compreender as diferentes formas que a sociedade se organiza no espaço geográfico, deve ser uma das tarefas a se desenvolver no decorrer dos processos de ensino. Contextualizando para a perspectiva do currículo local, é inerente a preocupação de se fazer o aluno raciocinar e identificar as diferentes formas de articulações que ocorrem no espaço geográfico, retratando também a importância da atuação docente que é tida como um elemento fundamental dessa construção de saberes geográficos.

O documento ainda ressalta ainda a partir da organização de conteúdos a serem desenvolvidos a presença dos conceitos-chave da Geografia, que fundamentam o conhecimento trabalho a partir da sala de aula a partir das bases epistemológicas constituintes da ciência geográfica. Assim, o currículo de Teresina, trabalha no decorrer do processo de ensino-aprendizagem de Geografia, além dos

⁴ Do ponto de vista pedagógico, esse modo de organização do ensino em ciclos tem sido defendido sob o argumento de melhorar o aproveitamento do tempo e do espaço escolares, do respeito aos ritmos e dos processos de aprendizagens, da eliminação da cultura da repetência instalada na escola e da preservação da autoestima dos estudantes (Teresina, 2018a, p.73).

cinco conceitos-chave principais (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), o conceito de Natureza.

Deste modo é colocada a importância do desenvolvimento do aluno no que se refere ao ensino de geografia, a partir de uma construção de conhecimentos na qual este possa compreender os diferentes fenômenos e práticas espaciais independente da escala espacial na qual estejam inseridos.

No decorrer do período escolar, cada estudante entra em contato com um grande volume de informações a respeito do espaço geográfico de Teresina, do Brasil, das Américas e do mundo. Por isso, em cada conteúdo apresentado, é preciso que os conceitos adquiridos facilitem/favoreçam uma aprendizagem significativa. Dessa forma, o contato desde os anos iniciais com os conceitos da Geografia torna mais eficaz a aprendizagem para que, posteriormente, os estudantes entendam melhor os diversos conteúdos ensinados em Geografia como uma ciência completa, que dessa forma possui como proposição ensinar sobre o mundo a partir de teorias geográficas, ou seja, de sistemas coerentes de ideias (ideias: os conceitos). (Teresina, 2018a, p.68)

Ao relacionar o processo de ensino-aprendizagem da Geografia no currículo de Teresina, a partir do 6º ano, por exemplo, que corresponde ao nível de ensino no qual desenvolveu-se a pesquisa de campo deste trabalho, ocorre o direcionamento para uma respectiva retomada da identidade sociocultural, momento em que os estudantes devem reconhecer o processo de formação e transformação das paisagens geográficas, diferenciá-las e entender os conceitos de espaço, paisagem, lugar e natureza.

Neste sentido, ao considerar, por exemplo, as modificações das paisagens de Teresina que se processaram ao longo do tempo, os estudantes serão capazes de identificar os diferentes indivíduos e fatores responsáveis (sociais, físicos, culturais, políticos e econômicos), bem como as diversas formas de ocupação e usos do território teresinense, em diferentes épocas. A natureza e os seus agentes reguladores também se relacionam à dinâmica do tempo social, sobretudo quando se analisam as relações entre o campo e a cidade e as alterações que se verificam, decorrentes do emprego de tecnologias de exploração dos recursos naturais necessários à produção na sociedade capitalista (Teresina, 2018a).

Portanto, ao construir uma concepção que envolva tanto a organização e estruturação curricular, com a respectiva presença dos conceitos-chave da ciência

geográfica, utilizados a partir do entendimento do espaço no local, compreende a uma função privilegiada que compete a própria Geografia como componente curricular e disciplina da educação básica, torna-se necessário neste modo compreender como este processo de ensino-aprendizagem acontece no contexto prático, se realmente nas escolas no cotidiano os alunos estão realmente aprendendo os conteúdos que partem de uma Geografia escolar cada vez mais impactada pelas diversas questões políticas, sociais e econômicas da realidade.

Analisando o que foi colocado no decorrer do texto, a seção seguinte pretende adentrar ao campo dos resultados do trabalho, discutindo e debatendo as informações e os dados que competem acerca do entendimento dos alunos da educação básica a partir da Geografia, a respeito da compreensão dos conceitos-chave (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), e de como estes auxiliam na compreensão da realidade e do mundo, além de como estes contribuem na formação educacional, pessoal e profissional dos alunos. Ainda como complemento a esta discussão, também pretende-se apresentar a participação docente, de como estes tem aplicado os respectivos conteúdos dos conceitos-chave da Geografia, e como compreendem a sua contribuição na formação dos alunos.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O desenvolvimento e respectiva escolha do recorte espacial e universo da pesquisa, de início se propôs a trabalhar com escolas tanto da rede pública de ensino, como também escolas da rede particular de ensino da cidade de Teresina-PI, porém, mediante as inúmeras dificuldades encontradas, muito em função de questões de disponibilidade da pesquisadora, bem como da flexibilidade das escolas públicas, que por sua vez retornavam do contexto do ensino remoto emergencial, e encontravam-se com uma série de restrições, de distanciamento e de contato, observou-se então a necessidade de definir como universo espacial da pesquisa e coleta de dados, apenas as escolas particulares, em função da maior facilidade em se obter informações tanto dos alunos como também dos professores e gestores da escola.

Deste modo, definiu-se como universo pesquisado duas escolas da rede privada de ensino da cidade de Teresina-PI, localizadas na zona leste da cidade, a partir do bairro Jóquei. Assim, estas foram definidas como “escola A” e “escola B”. A respeito da área pesquisada, a zona leste da cidade de Teresina, atualmente é uma das zonas mais desenvolvidas da área urbana do município, muito em função dos processos de valorização do solo urbano refletidos nas casas e condomínios de alto padrão, na verticalização através da concentração de prédios e edifícios residenciais e comerciais, além da concentração populacional representada em sua maioria por uma elite social que possui melhores condições financeiras representadas através de uma maior hierarquia social (Silva; Neto; Oliveira, 2013).

De acordo com os dados da Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAM, de Teresina-PI, por meio de dados divulgados pela Superintendência de Desenvolvimento Urbano Leste – SAAD LESTE, a zona leste da cidade, comprehende a uma área total de 62,87 km², representando um total de 26,2% da área urbana, com uma população residente de 167.443 pessoas, representando assim 21% da população urbana, com a respectiva densidade demográfica à 2.663 hab/km². (Teresina, 2018b).

Visto que a respectiva área se refere a uma das mais desenvolvidas socioeconomicamente da cidade, tratando-se de infraestrutura, fornecimento de serviços, planejamento e organização espacial urbana, é ocupada em sua maioria por uma “elite social dominante” (Façanha, 1998). Desse modo, nos últimos anos, o

ensino de rede privada na cidade de Teresina, tem se expandido para essa área, explorando assim uma nova realidade, a de atender as necessidades de acesso a uma educação de maior qualidade e de alto custo.

As escolas particulares representam assim na zona leste de Teresina, uma crescente, que corresponde, principalmente ao se tratar de infraestrutura física e de organização de ensino, a escolas bem mais estruturadas e que fornecem diversas atividades além do ensino básico, agregando assim o respectivo desenvolvimento dos alunos de uma forma integral, e também preparatória, tanto para vestibulares quanto para concursos públicos.

Assim, ao analisar o Plano Político Pedagógico – PPP, das escolas “A” e “B”, foi possível identificar, principalmente a tratar a respeito da organização do ensino de Geografia, uma relação de proximidade com as diretrizes contidas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, aproximando-se também dos propostas de currículo local (nível estadual e nível municipal), que trabalham a formação de um saber pensar geograficamente a partir de uma realidade vivida, correlacionando conceitos desta maneira princípios e conceitos da ciência geográfica na formação educacional dos alunos.

Buscando assim aprofundar ainda mais como estes conhecimentos são desenvolvidos no cotidiano escolar, a seção seguinte se propõe a apresentar e argumentar acerca dos principais resultados obtidos no decorrer do desenvolvimento do trabalho metodológico, o qual consistiu na pesquisa de campo, realizada nas respectivas escolas citadas “A” e “B”, e como principal objetivo, consistindo em compreender como é desenvolvida a aprendizagem relacionada aos conceitos-chave da Geografia nas turmas do 6º ano do ensino fundamental de ambas as escolas.

5.1 ANÁLISE DA ABORDAGEM DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS

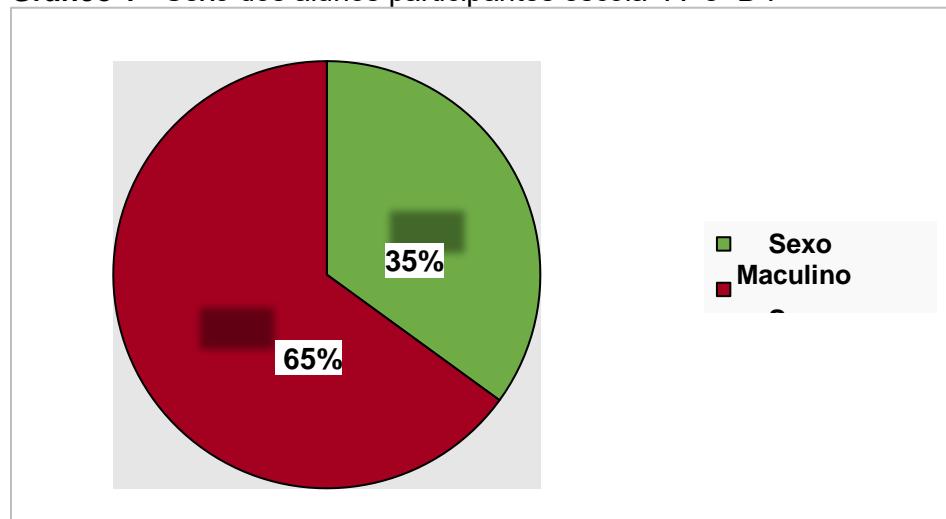
Ao adentrar especificamente aos resultados do trabalho, estes levantados e construídos a partir da realização da pesquisa de campo, torna-se imprescindível ressaltar a participação e o aprofundamento de conhecimentos construídos a partir do contato direto nas escolas pesquisadas, com os alunos e professores, com isso a partir da realização do levantamento de dados foi possível compreender um pouco mais acerca da realidade dos processos de ensino que envolvem principalmente a

Geografia escolar e a aplicação de seus conceitos-chave.

A respeito do processo de coleta de dados em si, este em uma primeira etapa foi realizado através da colaboração dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II, de ambas as escolas “A” e “B”, no qual aplicou-se junto aos alunos participantes um questionário de perguntas fechadas, acerca da compreensão dos conceitos-chave da Geografia, das dificuldades de aprendizado deste e de como os recursos metodológicos propostos pelo professor auxiliam nesse respectivo entendimento.

Juntamente a essa coleta de dados, inicialmente também se buscou identificar o perfil dos alunos participantes, como idade e sexo, o qual foi construído para se entender o real universo pesquisado, assim conforme apresentam-se os respectivos dados contidos no gráfico 1, e 2 respectivamente.

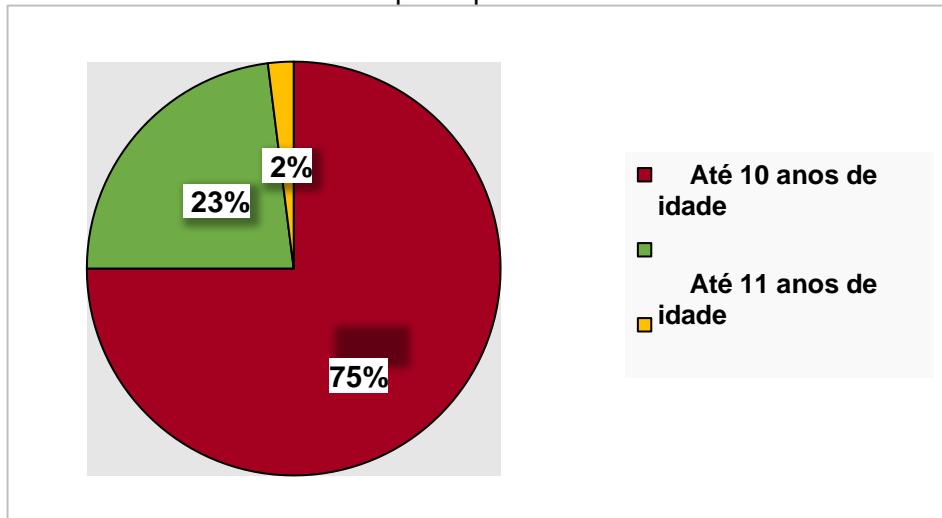
Gráfico 1 - Sexo dos alunos participantes escola “A” e “B”.



Fonte: Silva, (2023).

Através do gráfico 1, entende-se por meio do universo pesquisado, que a maioria dos alunos participantes, pertencem ao sexo feminino (65%), e respectivamente (35%) compreendem ao sexo masculino.

Gráfico 2 - Idade dos alunos participantes escola “A” e “B”.

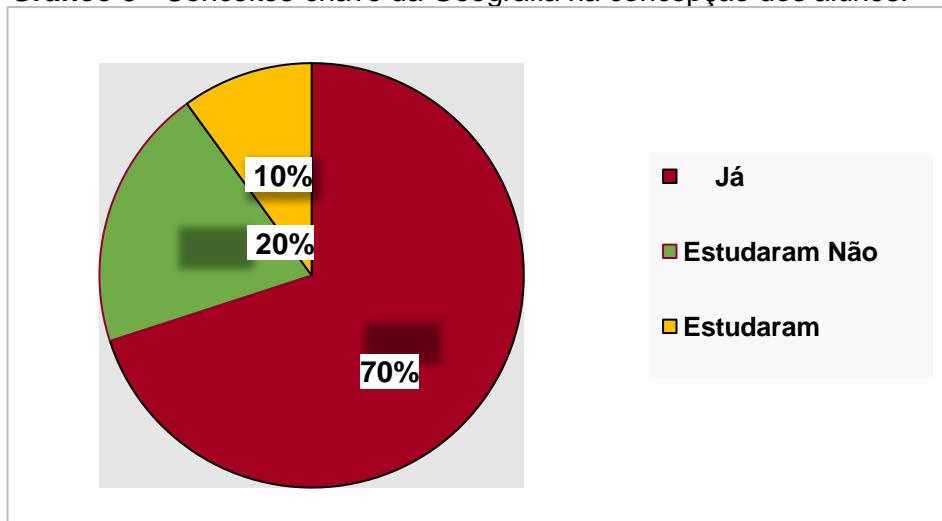


Fonte: Silva, (2023).

Partindo da análise do gráfico 2, a maioria dos alunos participantes da por integrarem o 6º ano do ensino fundamental II, possuem na maioria idade de até 10 anos de idade (75%), sequenciados pelos de até 11 anos de idade (23%) e os que possuem acima de 11 anos de idade (2%).

O entendimento que partiu após a respectiva tabulação e análise das respostas contidas nos questionários específicos dão a entender que, a respeito do conteúdo relacionado aos conceitos-chave da Geografia, de fato em sua grande maioria tornam-se conhecidos, assim como pode ser evidenciado através do gráfico 3.

Gráfico 3 - Conceitos-chave da Geografia na concepção dos alunos.



Fonte: Silva, (2023).

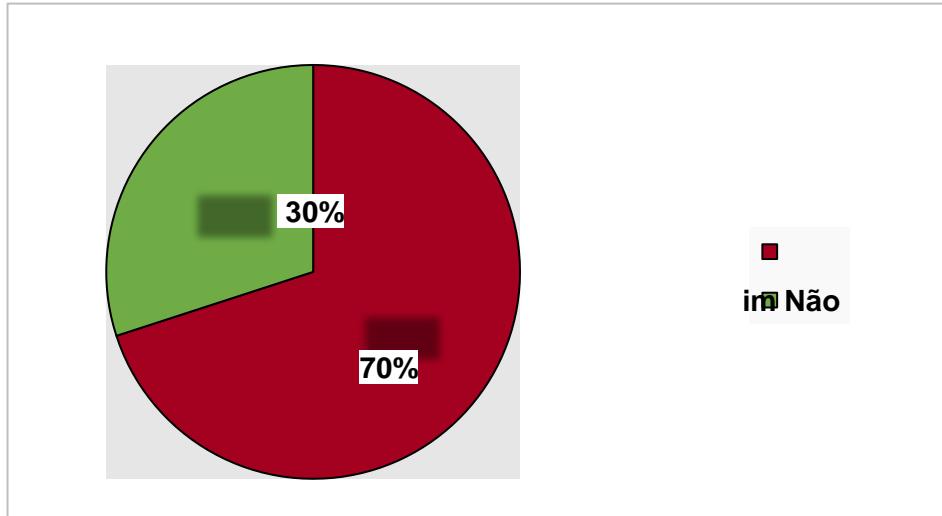
Perante o entendimento das informações contidas no gráfico 3, conforme a maioria dos alunos participantes (70%) estes informaram que já estudaram no

decorrer das aulas de Geografia os conteúdos referentes ou relacionados aos conceitos-chave da ciência geográfica, demonstrando que no desenvolvimento do ensino-aprendizagem das escolas “A” e “B”, existe de fato a preocupação na formação de um raciocínio crítico e reflexivo que colabora a construção de um pensar geográfico mais consolidado e funcional que possa auxiliar tanto no crescimento da aprendizagem dos alunos bem com na sua compreensão acerca da realidade.

Ainda tratando da análise do gráfico 3, observou-se também que, (20%) dos alunos ainda não estudaram ou ainda não tiveram um contato inicial com conteúdos da Geografia escolar que se relacionam com os conceitos-chave da ciência geográfica, é importante ressaltar perante essa consideração apresentada, que muitos dos alunos embora já tenham tido esse primeiro contato, por ainda não compreenderem em sua totalidade ou por possuírem significativas dúvidas ao se tratar do que de fato são estes, acabam por afirmar que ainda não conhecem ou que trabalharam na sala de aula, embora seja do próprio plano curricular escolar a premissa de aplicação de tais conteúdos a partir do respectivo nível de ensino.

Ainda sobre o gráfico 3, (10%) dos alunos afirmaram que não lembram ou ainda iram trabalhar, o que fornece a compreensão de que ainda no decorrer do processo de ensino tais conceitos poderão estar integrados, o que ressalta a preocupação da escola e dos professores em fornecer uma aprendizagem completa e fundamentada. Refletindo sobre a compreensão dos conceitos-chave da Geografia ainda no decorrer do ensino fundamental, também no próprio questionário aplicado com os alunos participantes, estes também foram questionados sobre o entendimento perante os conceitos-chave da ciência geográfica (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), deste modo o gráfico 4, expressa os dados obtidos.

Gráfico 4 - Entendimento dos alunos sobre os conceitos-chave da Geografia.



Fonte: Silva, (2023).

Mediante os dados apresentados no gráfico 4, é possível visualizar a partir das respostas fornecidas pelos alunos participantes, a compreensão de que a respectiva maioria (70%) possui de fato algum entendimento acerca dos conceitos-chave da Geografia.

Cabendo ressaltar que, embora ainda estejam no decorrer do ensino fundamental II (6º ano), trabalhar estes conceitos no âmbito da Geografia escolar na Educação básica, auxilia no processo de formação dos alunos, que a partir do momento no qual o professor relaciona através do processo de ensino-aprendizagem metodologias que envolvam o conhecimento cotidiano com o conhecimento científico presente nos conceitos geográficos, os alunos tornam-se mais autônomos quanto a sua aprendizagem, pois conseguem compreender melhor a realidade em sua volta, conforme aponta a professora Helena Callai no livro “A Geografia e a escola”, de 2001.

O conteúdo de Geografia, por ser essencialmente social e ter a ver com as coisas concretas da vida, que estão acontecendo e tem sua efetivação num espaço concreto aparente e visível, permite e encaminha o aluno a um aprendizado que faz parte da própria vida e como tal pode ser considerado em seu significado restrito e extrapolado para condição social da humanidade (Callai, 2001, p. 143).

Portanto, entende-se desta forma que, envolver o conhecimento trabalhado na sala de aula com as bases científicas de uma disciplina/ciência, como é o caso da Geografia, cria e estimula possibilidade de construir no aluno um aprendizado real, que independente de sua localização este possa compreender os fenômenos naturais

e práticas sociais que são evidenciadas em um mundo cada vez mais técnificado e globalizado.

Ainda considerando o gráfico 4, a partir dos dados contidos, também é possível identificar uma realidade quase que oposta a esta mencionada anteriormente, no qual (30%) dos alunos participantes afirmam não possuir um entendimento acerca dos conceitos-chave da Geografia.

Ao considerar este respectivo dado, é importante considerar que, dos múltiplos desafios que envolvem o ensino geográfico, principalmente no âmbito da Geografia escolar existem muitas problemáticas, das quais envolvem a própria realidade dos alunos. Com isso, torna-se necessário relacionar a atual realidade que envolve o ensino local, no qual após o retorno das aulas remotas, muitos prejuízos na aprendizagem foram contabilizados, principalmente ao se tratar de disciplinas que necessitam de uma relação de troca entre aluno e professor mais intensa, como é o caso da Geografia, o que não pôde ser tão efetivo nos últimos anos em função das questões relacionadas a crise sanitária do covid-19, que findou por influenciar nessa deficiência de aprendizagem.

Assim, mediante a este cenário, outras perspectivas também podem ser relacionadas, das quais envolvem a necessidade de o professor trabalhar ainda mais uma certa inclusão do aluno, perante a importância do aprendizado referente aos conceitos-chave da Geografia, bem como a importância de trazer ao ambiente da sala propostas metodológicas que trabalhem tais conteúdos, de modo que a aprendizagem objetivada seja realmente alcançada.

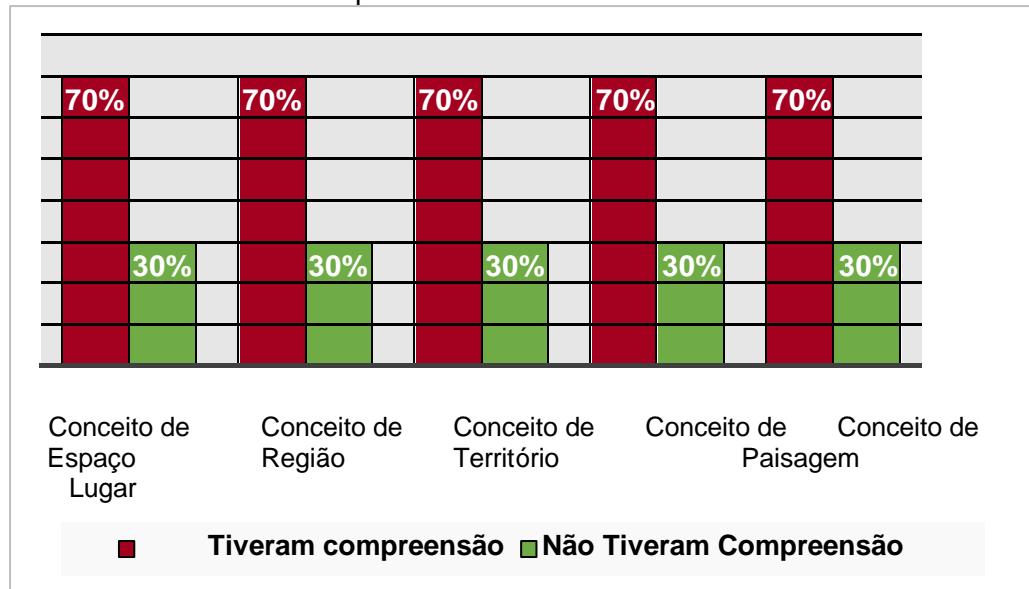
A partir da estruturação do questionário aplicado com os alunos participantes tanto na escola “A” quanto na escola “B”, também enfatizou-se a busca por um entendimento conforme a compreensão individual de cada conceito-chave da Geografia (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), entender a então importância e utilização destes tanto no campo do cotidiano quanto do ambiente escolar fornece a consolidação de um raciocínio geográfico⁵, que enriquece a formação de um sujeito crítico e reflexivo perante o seu meio vivido.

Deste modo, ao relacionar com as devidas dificuldades de aprendizagem que

⁵ O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios [...] para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas (Brasil, 2017, p. 357).

são trabalhadas no ensino de Geografia, especificamente a escolar no âmbito da educação básica, esteve presente no questionário aplicado um direcionamento dessas dificuldades de aprendizagem com os conceitos-chave da Geografia, expostos conforme o gráfico 5.

Gráfico 5 - Dificuldades quanto ao entendimento dos conceitos.



Fonte: Silva, (2023).

Conforme os dados presentes no gráfico 5, constatou-se de forma geral que a maioria dos alunos participantes tanto da escola “A” e “B”, (70%) tiveram no decorrer do processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, a compreensão que refere-se ao entendimento dos conceitos-chave da Geografia (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), assim é evidente que tanto as escolas pesquisadas, através de seus professores de fato constituem e desenvolvem um trabalho de ensino positivo, que agrega a relação de um conhecimento integral dos alunos, além de possibilitarem a estruturação de um raciocínio geográfico, que envolve conhecimentos da realidade com os conhecimentos científicos.

Entretanto, cabe pontuar ainda que (30%) dos alunos afirmaram que não tiveram a compreensão efetiva a respeito do entendimento correspondente aos conceitos-chave (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), é a partir deste dado necessário discutir a importância de se desenvolver nos espaços da sala de aula, uma educação e uma aprendizagem mais inclusiva, por meio de variadas possibilidades metodológicas, como é sabido, a aprendizagem ocorre nos sujeitos de formas

distintas assim é válido repensar a atuação docente, esta como um elemento fundamental da formação deste entendimento.

Perante assim os dados construídos nesta seção, referente a utilização dos conceitos-chave da Geografia no ensino fundamental de escolas particulares, fica evidente que uma considerável porcentagem de alunos participantes, de fato tiveram um entendimento ainda que inicial das bases epistemológicas que compõe o pensamento geográfico através dos conceitos da própria Ciência Geográfica, o que cabe afirmar que cada vez mais a Geografia como disciplina da educação básica contribui na valorização da formação crítica e reflexiva da realidade do aluno, visto as contribuições dos conceitos como forma de compreensão da realidade por meio de objetos de estudo.

A então formação de um raciocínio geográfico deve ser estimulada partindo deste contexto, justamente por sua relação se construir através do entendimento dos conceitos-chave com a realidade e os conteúdos da disciplina de Geografia. Embora, ainda emerge a percepção de que uma certa população dos alunos ou tiveram dificuldades de aprendizagem ou ainda não compreenderam tanto os conceitos como a sua importância, é possível através da atuação docente criar meios para que seja possível tal entendimento, assim integrar alunos, professor e escola é tarefa fundamental e que deve ser ainda mais discutida e proposta por meio de pesquisas e estudos sobre educação e ensino de Geografia.

Validar a importância do professor neste processo também torna-se essencial para a construção de uma aprendizagem dos conceitos-chave da disciplina, deste modo, o trabalho também preocupou-se no decorrer do processo de desenvolvimento metodológico, pensar também a atuação docente nesta etapa, assim a seção seguinte pretende abordar as perspectivas dos professores de Geografia da Escola “A” e da escola “B”, conforme as dificuldades dos alunos e as atividades desenvolvidas nas escolas que envolvem a temática em questão, com a intenção de compreender ainda mais acerca do processo de ensino-aprendizagem.

5.2 ANÁLISE DA ABORDAGEM DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS EM SALA DE AULA NA PERSPECTIVA DOCENTE

Pensar a atuação docente por meio da construção de conhecimentos na sala de aula através do processo de ensino-aprendizagem é um trabalho necessário, muito

em função da relevância que tem a presença do professor como elemento motivador da construção de saberes nos alunos. E na própria disciplina de geografia, o professor também torna-se uma peça fundamental, ao considerar a sua atuação em ensinar e explicar os conteúdos alicerçados na ciência geográfica, em desenvolver e aplicar recursos didáticos e alternativas metodológicas que facilitem o aprendizado e a compreensão.

[...] a ação do professor deve se direcionar para além da seleção de metodologias que o orientem, de forma a tornar-se um gerenciador do conhecimento, autônomo, criativo, pluralista e propositivo na/da sua realidade, pois entendemos que educar é não se limitar a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele que o professor considera mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade (Oliveira, 2006, p.14).

Considerando desta forma a importância da atuação docente no processo de ensino da Geografia, o trabalho em questão também buscou por meio da contribuição dos professores participantes da pesquisa, estes responsáveis pela disciplina de Geografia das escolas pesquisadas “A” e “B”, compreender como estes tem trabalhado os conceitos-chave da Geografia no 6º ano do ensino fundamental, e assim apresentar resultados que possam complementar a análise desenvolvida sobre a temática em questão.

Para isso, realizou-se no decorrer do desenvolvimento metodológico da pesquisa de campo, a aplicação de um questionário, com os respectivos professores de Geografia, na qual apresentaram-se questões abertas e fechadas, que tinham como principal objetivo, constituir e formular dados que pudessem subsidiar as discussões que envolvem o respectivo trabalho.

De início ao definir o perfil dos professores, ao total dois professores participaram respondendo o questionário, observou-se que, ambos do sexo masculino, possuem formação em Licenciatura Plena em Geografia, com pós-graduação, tanto a nível *Lato sensu* em especialização, e *strictu sensu* em mestrado, atuando nas respectivas escolas pesquisadas nos cinco últimos anos.

Ao relacionar a questão referente a utilização dos conceitos-chave da Geografia por meio da perspectiva docente, ambos os professores ao serem questionados acerca de sua utilização no decorrer do processo de ensino de Geografia das escolas, afirmaram ter trabalhado os conceitos em algum momento do

presente ano, assim, considerou-se a relevância de proporcionar aos alunos um melhor entendimento dos conteúdos da disciplina, presentes tanto na proposta curricular da BNCC, bem como nos assuntos presentes do livro didático das escolas, através de discussões e explicações nos espaços da sala de aula.

Questionados quanto a presença de dificuldades em trabalhar os conceitos-chave da Geografia em algum momento do presente ano, ambos os professores também afirmaram que não tiveram dificuldades, muito em função de na perspectiva pessoal, estes já possuírem um certo domínio maior dos assuntos dos quais estão relacionados a temática envolvida, assim, dentro deste entendimento, ao conhecer a temática os professores podem dominar melhor meios e alternativas que proporcionem nos alunos a construção de um conhecimento mais autônomo e eficiente, e esse domínio por parte dos professores decorre muito da importância de uma boa formação e prática docente, a preocupação com a formação continuada, que por sua vez contribui no crescimento profissional dos docentes.

Em sequência, também se questionou aos professores participantes, a forma de como estes tem trabalhado o uso dos conceitos-chave da Geografia, especificamente de forma lúdica, visto a importância desse método no ensino fundamental e na Geografia escolar.

Ambos também afirmaram positivamente quanto a esta questão, validando a importância do lúdico nesse contexto, do qual deve ser utilizado como alternativa metodológica, instigando e estimulando nos alunos um maior interesse quanto a disciplina, ainda em complemento o professor da escola “A”, ainda completa afirmando:

[...] Sim. O estudo dos conceitos e as observações sobre as categorias geográficas são ludicamente utilizadas na escola principalmente através dos recursos fotográficos e de meios tecnológicos, como programas e aplicativos de paisagens e de observação do planeta Terra (**Professor - Escola A**).

Pode-se entender neste contexto de aprendizagem, o lúdico no processo de ensino-aprendizagem de Geografia na perspectiva de Pinheiro; Santos e Ribeiro Filho (2013, p.03), que o argumentam como:

O professor de Geografia comprometido para uma educação geográfica significativa, ou seja, uma educação que proporcione a

instrumentalização dos alunos para a análise do espaço ao qual estão inseridos encontrará na proposta do Lúdico, uma importante ferramenta metodológica para a mediação entre aluno e espaço geográfico. Por Lúdico, entende-se ser tudo aquilo que diverte e entusiasma, seja em forma de atividade física ou mental. [...] A atividade lúdica no ensino de Geografia proporciona o prazer e divertimento durante as aulas, ao passo em que ajuda a desenvolver no educando habilidades cognitivas e motoras; atenção e percepção; capacidade de reflexão; conhecimento quanto à posição do corpo; direção a seguir e outras habilidades importantes para o desenvolvimento da pessoa humana.

Assim, considerando além do direcionamento dos professores, a atuação da escola também se faz importante, a partir do fornecimento de uma estrutura que atenda aos alunos influenciando em condições positivas tanto de recursos pedagógicos quanto didáticos, resultando desta forma em uma melhor qualidade de ensino, e aprendizado.

Debater acerca da utilização dos conceitos-chave da ciência geográfica no decorrer do ensino da disciplina geografia, assim como foi trabalhado em todas as discussões do respectivo trabalho é fundamental, e parte do processo de ensino-aprendizagem que consiste na atuação docente, é também fundamentado através de propostas metodológicas de ensino, que além do lúdico contribuem na construção de uma aprendizagem significativa, deste modo, o questionário que foi desenvolvido e aplicado junto aos professores participantes da pesquisa também se propôs a conhecer por meio das respostas se no presente ano foram utilizados recursos que facilitaram a compreensão dos conceitos-chave da Geografia durante a aplicação dos conteúdos em sala de aula.

Conforme as respostas obtidas, ambos os professores afirmaram positivamente e consideraram a importância de sempre utilizar de novos métodos e recursos para facilitar a compreensão e o entendimento dos alunos, independente do conteúdo que é aplicado em sala de aula, assim conforme as respostas obtidas, alguns elementos foram citados e estão apresentados conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Recursos didáticos utilizados pelos professores nas aulas de Geografia.

Tipo de Recurso Didático	Nº de vezes utilizados
Imagens e Fotografias	5 vezes
Aplicativos e recursos tecnológicos e digitais	3 vezes
Música	1 vez
Mapas temáticos	1 vez
Globos Terrestres	1 vez

Fonte: Silva, (2023).

Conforme os dados presentes na tabela 1, e assim relacionando as respostas dos alunos na seção anterior, percebe-se que estes contribuíram positivamente no entendimento dos conceitos trabalhados, formando desta forma uma aprendizagem mais dinâmica considerando os alunos como protagonistas de sua aprendizagem.

A última questão presente no questionário, direcionou para os professores uma tentativa de formular um entendimento perante as dificuldades que foram presenciadas no decorrer das aulas remotas, visto que uma porcentagem significativa dos alunos, relataram ainda possuir dificuldades quanto a compreensão dos conceitos-chave da Geografia. Desta maneira, a partir da resposta dos professores, estes consideraram pertinente essa discussão levantada e afirmaram que de fato alguns problemas de adaptação a uma nova realidade impactaram neste processo de ensino, porém já existem direcionamentos através do corpo docente das escolas a criar possibilidades de mitigar estes impactos e assim proporcionar aos alunos uma aprendizagem integral em todas as disciplinas ofertadas na perspectiva de reduzir prejuízos e danos na formação educacional alunar.

Portanto, através dos dados apresentados comprehende-se através da perspectiva docente a relevância de se utilizar e trabalhar os conceitos-chave da Geografia no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, seja através de recursos metodológicos ou por meio de práticas educativas, assim entende-se que a importância de relacionar o conhecimento da realidade com os conhecimentos científicos, é essencial para a consolidação de uma aprendizagem integral, que possibilite ao aluno conhecer o seu mundo e a sua realidade. O professor tem, portanto, um papel imprescindível neste cenário, visto as dimensões social, intelectual e afetiva que envolvem o processo de ensino por ele conduzido, o que o torna uma peça importante na construção de conhecimentos e no desenvolvimento dos conteúdos necessários a formação do aluno.

Assim, mediante a importância da abordagem dos conceitos-chave da Geografia no contexto escolar, ressaltando juntamente a atuação docente na formação do conhecimento geográfico, faz-se também necessário apontar sugestões metodológicas que possam contribuir neste respectivo processo educacional. Portando, partindo desta ideia a seção seguinte discute através dos resultados obtidos possíveis alternativas metodológicas, que emergem como sugestões do presente trabalho e que buscam fornecer caminhos dentro da Geografia escolar para o aprofundamento do ensino e a melhoria do aprendizado geográfico.

5.3 CAMINHOS PARA A ABORDAGEM METODOLÓGICA DOS CONCEITOS-CHAVE DA GEOGRAFIA NA ESCOLA

Ao discutir sobre alternativas metodológicas para o ensino de Geografia a partir do conteúdo dos conceitos-chave da disciplina, torna-se necessária a compreensão de que buscar sempre novas possibilidades no que tange a educação e os processos de ensino-aprendizagem, faz parte de um processo natural e necessário para o crescimento, tanto da ciência como da educação.

De acordo com o professor Castrogiovani (2003), o ensino geográfico institucional mantém seu valor cultural informativo, todavia, cabe aos professores e pesquisadores buscar sempre caminhos para o desenvolvimento de novas estratégias metodológicas, estas sendo fundamentais para uma respectiva afirmação dos processos de aprendizagem. Para Coutinho (2014, p.03): “[...] nessa busca, os métodos e as técnicas aplicadas em aulas de Geografia são permanentemente revisados com o fim de convertê-los em elemento facilitador da aprendizagem”.

Partindo das percepções levantadas na seção anterior, acerca da análise da atuação docente na escola, muito observa-se uma tentativa dos docentes em trabalhar os conteúdos além do livro didático, através da inserção de metodologias distintas que buscam chamar ainda mais a atenção dos alunos, e assim possibilitar ainda mais a construção de um aprendizado mais elaborado nas aulas da disciplina. A importância da utilização de diferentes alternativas metodológicas no ensino de Geografia, muito se dá em função a necessidade de uma dinâmica que busque proporcionar uma maior integração do aluno, mediante a conteúdos que são necessários à sua aprendizagem. A respeito desse entendimento Coutinho (2014, p.04), argumenta que:

Na área de Geografia o mesmo conteúdo pode ter várias abordagens, e existe um universo rico em recursos metodológicos a serem adotados pelos professores. Portanto, é preciso um repensar por parte dos professores sobre o ensino da disciplina e inserir aulas de campo, atividades lúdicas, trabalhar com músicas, imagens e vídeos nas aulas de geografia, além de outros recursos, buscando encaminhamentos metodológicos que propiciem a aprendizagem do aluno.

Como fora ressaltado, metodologias que envolvem o lúdico, recursos tecnológicos, e tradicionais precisam estar sendo sempre relacionadas na tentativa de se fazer a sala de aula um lugar dinâmico, o qual sempre esteja favorável ao aprendizado do aluno, entretanto, muitas dificuldades permeiam este caminho e que dificultam o dia a dia da sala de aula, como por exemplo, a falta de recursos, de infraestrutura e de tempo, principalmente dos professores torna-se um grande desafio principalmente para a implementação de metodologias de ensino.

Porém, cabe ressaltar a necessidade de se promover nas atuais condições do ensino no Brasil, uma aprendizagem que possa contribuir com a formação dos estudantes, é, portanto, imprescindível que se discuta nos variados ambientes que são responsáveis pela formação da educação de nível básica a superior, alternativas para o desenvolvimento do ensino, e principalmente no ensino de Geografia, este tão importante para a formação de cidadãos críticos que refletem sobre o seu espaço geográfico.

De acordo com Gerhardt e Souza (2009), ao trabalhar a questão dos métodos de ensino, comprehende-se que estes apresentam-se como um elemento fundamental, pois demonstram quais os reais caminhos a serem percorridos para se alcançar as metas e os objetivos no processo de ensino, estes também são responsáveis por definirem os respectivos procedimentos e técnicas que serão utilizadas no decorrer do desenvolvimento das atividades construídas.

Assim, dentro do ambiente escolar, os métodos são de extrema importância, visto que é através deles que o professor alcançará seus objetivos com os estudantes. Escolher o método que melhor se encaixa a estes indivíduos é essencial, porém, muitas vezes o método já está pré-estabelecido pelo sistema em que o professor está inserido (Gouveia; Ugeda Júnior, 2021, p.865).

Considerando as discussões então apresentadas, acerca da importância dos métodos para o ensino de Geografia, e especificamente para a compreensão dos

conceitos-chave da Geografia no ensino fundamental II, o trabalho em questão aponta algumas sugestões metodológicas com a perspectiva de poder contribuir com os processos de ensino, que levem em consideração principalmente a presença de um socioconstrutivismo⁶ do aluno, entendendo-o a partir de suas vivências, saberes e individualidades, e que este é uma peça fundamental para a sua própria aprendizagem.

Das sugestões que podem considerar este tipo de aprendizagem e que também favoreçam a aprendizagem dos conceitos-chave da Geografia, apresentamos um total de 03 sugestões de metodologias, sendo elas: As aulas de Campo, A confecção de croquis, e a utilização de mapas conceituais. Dos quais estes integrados possibilitam juntamente a atuação docente e da gestão escolar a constituição de uma aprendizagem geográfica, fundamentada principalmente por meio das bases conceituais da ciência geográfica, o que pode a vir formular posteriormente um raciocínio geográfico dos alunos.

Inicialmente, as aulas de campo no ensino de Geografia, apresentam-se como uma alternativa metodológica pois estas proporcionam aos alunos uma diferenciação do ambiente rotineiro de sala de aula, através de atividades ao ar livre e em locais específicos é possível dinamizar variados conteúdos estes relacionados principalmente aos conceitos-chave da Geografia, assim, desta forma o aluno pode conhecer de perto diferentes realidades a sua volta, e despertar um conhecimento acerca do espaço geográfico, da paisagem, do território e da região como também do lugar.

Para Piaget (1993), o ser humano desenvolve seus conhecimentos a partir de suas relações com o meio em que está inserido, neste sentido a aula de campo vem de encontro ao entendimento de que a partir do contato direto com o espaço, torna-se mais fácil para o indivíduo a sua compreensão como também para vários outros conteúdos científicos, dado que esses estão relacionados ao espaço geográfico e às relações que se estabelecem nele.

A respeito da importância das aulas de campo para o ensino de Geografia,

⁶ O método socioconstrutivista foi desenvolvido por Lev Semyonovich Vygotsky, estudioso da psicologia cultural – histórica, que também deixou importantes bases teóricas no ramo da educação. [...] para o socioconstrutivismo o estudante não é um “recipiente vazio” como considerado no método tradicional, pelo contrário, traz consigo uma carga de conhecimentos adquiridos socialmente que com a mediação necessária, juntamente com o convívio em sociedade e com os demais colegas, poderá ser desenvolvido (Gouveia; Ugeda Júnior, 2021, p.874).

Marques; Mota e Souza (2020, p.369-370), discutem que:

Aulas de campo corroboram para que os estudantes desenvolvam um olhar crítico sobre o mundo, sendo assim, contribuem para a alfabetização científica e para a leitura do que está escrito na natureza, nos espaços produzidos ou transformados pelo homem e também nas relações sociais desenvolvidas nestes locais. Ressalta-se ainda que aulas de campo realizadas no espaço de vivência dos estudantes contribuem para que ele desenvolva a capacidade de compreender o ambiente e de se enxergar como agente de transformação neste espaço.

Assim, mediante a tais considerações, considera-se as aulas de campo no ensino de Geografia, como uma sugestão alternativa altamente viável, que colabora consideravelmente no entendimento dos conceitos-chave da disciplina, sendo deste modo um elemento imprescindível e que deve ser sempre pensado no decorrer da prática docente.

Outra sugestão também proposta a facilitar a compreensão dos conceitos-chave da Geografia, corresponde a exatamente a confecção de croquis, que também podem ser vistos como metodologias ativas⁷, que auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem, visto que o aluno aprende fazendo, e ao inserir respectivos conceitos e conteúdos da disciplina de Geografia, a aprendizagem torna-se mais divertida e dinâmica favorecendo assim uma maior participação e interesse dos alunos.

Para Castrogiovanni (2009), proporcionar situações que valorizem principalmente nos alunos referências ao seu espaço vivido é fundamental no âmbito da prática docente, visto que essas respectivas referências contribuem para a consolidação de uma aprendizagem que emerge através das experiências e textualizações cotidianas. Com isso, os croquis são excelentes ferramentas metodológicas que possibilitam aos alunos relacionar os conteúdos da disciplina ao seu cotidiano, de modo que é claramente possível construir a partir de então uma relação mútua entre o cotidiano e os conceitos-chave da Geografia.

De acordo com Nóbrega (2007, p.120): “[...] por constituírem representação gráfica simplificada, que podem ser realizadas por não cartógrafos, os croquis compõem importante aspecto na produção de materiais e procedimentos didáticos, por fundamentar o raciocínio geográfico”. Destarte, pode-se entender a utilização dos

⁷ “[...] Práticas que incitam a curiosidade, propõem desafios e engajam os estudantes em vivências de fazer algo e pensar sobre o que fazer, propiciando-lhes trabalhar em colaboração e desenvolver a autonomia nas tomadas de decisão” (Moran, 2018, p. 17).

croquis no ensino de Geografia é uma alternativa objetiva, que pode ser também viável aos conteúdos referentes aos conceitos-chave, podendo relacionar estes ao cotidiano dos alunos.

Em complemento a esta afirmação Dias (2000, p.42), considera os croquis como:

[...] o croqui em Geografia aparece vinculado à um tipo de trabalho que se constrói paulatinamente enquanto discurso gráfico, como uma ocasião de ensaios ou mesmo de síntese momentânea do estado de uma reflexão. Sempre fazendo referência a um certo tema e sem a preocupação de exaustividade da informação, o croqui se revela como uma primeira tentativa de compreender uma realidade em construção, de forma simples e arrojada.

Portanto, considerar esta sugestão no contexto da prática docente é necessário, cabendo ao professor mediar a construção dessa atividade de acordo com os recursos então disponíveis e com as respectivas necessidades de aprendizagem dos alunos.

Por fim, à última sugestão metodológica parte da utilização de mapas conceituais, como ferramentas que facilitam a existência de uma aprendizagem significativa⁸ e geográfica, e que podem também favorecer a concepção dos conceitos-chave da Geografia, sendo então uma alternativa metodológica de fácil construção, porém, cabe ressaltar que a sua construção parte de uma série de processos, que quando bem desenvolvidos colaboraram com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Segundo Campelo e Piconez (2020, p.31): “[...] os mapas conceituais consistem em rótulos conceituais que identificam ideias específicas (conceitos) e as ligações entre eles, o que explica como os conceitos estão relacionados para criar significado”. Para Novak (2010), os mapas conceituais correspondem a respectivas ligações entre conceitos, assim para o autor, um mapa conceitual é feito de qualquer número de proposições para dar uma definição pessoal de qualquer ideia ou fenômeno particular.

No âmbito do ensino de Geografia, a utilização de mapas conceituais é muito

⁸ Aprendizagem significativa acontece quando um novo conhecimento se liga na estrutura cognitiva daquele que aprende por meio do estabelecimento de relações entre os conhecimentos prévios de quem aprende e os novos conhecimentos por meio de diferenciação progressiva e reconciliação integrativa de conceitos (Moreira, 2013).

discutida desde a educação de base a educação superior, e na atualidade tem ganhado uma maior ênfase muito em função das possibilidades que podem ser desenvolvidas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. A relação de aprender e entender diferentes conteúdos permite uma utilização ampla dos mapas conceituais no ensino de Geografia, assim como afirmam Campelo e Piconez (2020, p.39):

Para repensar o ensino de Geografia em um mundo em constantes modificações, precisamos de **metodologias de ensino que favoreçam o ensino e a aprendizagem, como é o caso dos mapas conceituais que** utilizado nos computadores por meio do software *CmapTools*, **associado a um trabalho colaborativo, com uma avaliação inovadora nas salas de aula (peer review) podem favorecer uma aprendizagem significativa e tornar os alunos protagonistas do desenvolvimento de suas aprendizagens** (Grifos da autora).

Partindo dessas discussões pode-se considerar a utilização dos mapas conceituais no ensino de Geografia, como metodologias viáveis e que podem também relacionar principalmente o entendimento e a compreensão dos conceitos-chave da Geografia, entretanto é recomendável que ao utilizar-se dessa ferramenta, tanto professores como alunos precisam estar alinhados quanto a construção e o respectivo objetivo de estudo buscado, visto que os mapas conceituais não são necessariamente simples estruturas e podem albergar variados conteúdos e conceitos estes relacionados entre si.

Deste modo, ao apresentar as sugestões de metodologia nesta seção busca-se não induzir atividades pedagógicas em sala de aula, mas sim fornecer um estudo que complemente o aprofundamento das práticas e atividades realizadas em sala de aula, com a então perspectiva de sanar lacunas mediante as variadas dificuldades que hoje permeiam o ensino de Geografia nas escolas. Assim, das propostas aqui selecionadas observa-se uma considerável colaboração a possíveis trabalhos futuros, dos quais são amplamente necessários para o avanço do ensino de Geografia e dos estudos sobre o desenvolvimento de uma educação geográfica para todos.

6 CONCLUSÃO

Observar a importância de desenvolver no decorrer do processo de ensino-aprendizagem a construção de conhecimentos sólidos e que proporcionem a autonomia dos alunos, consiste em uma das mais relevantes tarefas da prática docente, a integração entre saberes do cotidiano e da ciência proporciona ao aluno um leque de possibilidades, que contribuem na compreensão principalmente do seu espaço vivido e de sua inserção no espaço geográfico.

A geografia enquanto disciplina da educação básica, proporciona diferentes formas de ver o mundo, principalmente através do pensar geográfico e do raciocínio geográfico, dos quais tornam-se uma das principais funções que devem ser desenvolvidas ao longo da formação educacional dos alunos. Assim, envolver as bases científicas constituintes do pensamento geográfico não deve ocorrer apenas na geografia acadêmica, mas também na geografia escolar.

Os conceitos-chave da geografia, (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), são a representação da formulação de um objeto de estudo da geografia, que parte do entendimento da relação mútua entre sociedade e natureza, relacionar tais conceitos no ensino, é imprescindível para a formação de um entendimento de como a sociedade organiza-se espacialmente, e de como transforma a natureza, constituindo assim o espaço geográfico.

No contexto tanto a nível nacional quanto local, por meio da análise das principais diretrizes curriculares, evidenciou-se uma preocupação quanto a relação e a presença destes conceitos no processo de ensino de geografia, entende-se que ao utilizar-se destes, é possível o estabelecimento de uma formação mais completa em todos os níveis de ensino, que contribui na evolução educacional e formação profissional dos alunos.

O trabalho em questão partindo deste pressuposto, buscou argumentar como ocorre a compreensão dos alunos, especificamente em escolas da rede privada de ensino da cidade de Teresina-PI, acerca dos conceitos-chave da geografia, e de como estes são desenvolvidos em sala de aula através das metodologias de ensino aplicadas pelos professores, além disso também se propôs a identificar as dificuldades ainda quanto a compreensão dos respectivos conteúdos e da aplicação por parte dos professores. Após a realização da pesquisa de campo, tornou-se

possível avaliar através dos dados obtidos, que uma considerável quantidade de alunos participantes, respectivamente do 6º ano ensino fundamental II, realmente compreendem ou tem algum entendimento de quais são os conceitos-chave da geografia bem como a sua importância para a compreensão dos conteúdos da disciplina e da própria realidade vivida. O que denota uma real percepção de que ao trabalhar os conceitos-chave da geografia no ensino, é possível desenvolver diversas possibilidades que vão agregar e enriquecer ainda mais a aprendizagem.

Das dificuldades percebidas, estas partem de algumas problemáticas que geralmente podem ocorrer, visto que a partir do estudo de humanidades tais dados não tornam-se exatos, embora é um papel da escola e do professor levantar meios e alternativas para reverter e mitigar impactos no processo de ensino-aprendizagem, seja por meio de metodologias novas ou por atividades dinâmicas que possam despertar no aluno um maior interesse e curiosidade sobre determinados conteúdos, sendo estas sugeridas no respectivo trabalho na perspectiva de poder contribuir ainda mais com os caminhos que envolvem a prática docente no ensino de Geografia.

Ao também discutir acerca da contribuição docente ao trabalho, foi possível considerar que através das próprias diretrizes e propostas das escolas, ressaltar a importância e utilização dos conceitos-chave da geografia, é necessária, tanto pela sua relevância na constituição de uma aprendizagem integral dos alunos bem como para o desenvolvimento para os níveis futuros, dos quais já ter um conhecimento mais aprofundado, crítico e reflexivo é parte fundamental.

Deste modo, a relevância deste trabalho parte muito em decorrência da necessidade de envolver cada vez mais a abordagem do pensamento geográfico nos processos de ensino da geografia, que partem através da utilização dos conceitos-chave para a compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Assim, conclui-se que utilizar e relacionar os conceitos-chave da geografia, é essencial para a construção de um conhecimento mais integral e profundo, com isso é uma tarefa tanto da escola quanto do professor, estimular através de propostas de ensino a utilização dessas bases, que estão presentes no meio científico da geografia.

Cabe ressaltar ainda que, mediante as intensas transformações e dinâmicas que ocorrem no espaço geográfico, é ainda mais necessário que nos processos de ensino, os conceitos-chave da geografia estejam presentes, não sendo assim exclusivos apenas a um nível de ensino, mas sim democráticos a toda a educação em geral.

REFERÊNCIAS

ARESI, C. A geografia e as bases legais: PCNS, DCNS E BNCC. **XXXV Encontro Estadual de Geografia (EEG) 2018 - “A diversidade da Geografia e a Geografia da diversidade nas primeiras décadas do século XXI”**, n. 35, p. 13-13, 2018. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/EEG/article/view/10479> Acesso em: 10 de set. 2023.

AZAMBUJA, L. D. O Ensino de Geografia na BNCC: os percursos didáticos, das habilidades às competências. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3643-3654, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3185> Acesso em: 22 de set. 2023.

BALDIN, R. Sobre o Conceito de Paisagem Geográfica. **Paisagem. Ambiente: Ensaios**, São Paulo, v. 32, n. 47, e180223, 2021.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **R. RAÉ GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: geografia. Brasília, MEC/SEF, 1998. 108p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 12 de set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base **Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_si t_e.pdf Acesso em: 14 de set. 2023.

CALLAI, H.C. **A geografia e a escola**: muda a geografia muda o ensino? Terra Livre, São Paulo, n.16, p 135-152, 2001.

CAMPELO, L. F.; PICONEZ, S. C. B. Mapas Conceituais No Ensino E Aprendizagem De Geografia. In: JORGE, W. J. (org). **Metodologias Ativas**: Teoria e prática no ambiente escolar. Maringá-PR: Uniedusul, 2020.

CARLOS, A. F. A. O lugar: mundialização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et al. (orgs.). **O novo mapa do mundo**: fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1997.

CASTROGIOVANI, A. C. **Geografia em sala de aula**: Práticas e reflexões. 4.ed. Porto Alegre. Editora UFRGS. Associação dos Geógrafos do Brasileiros. 2003.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino da geografia**: práticas e textualizações no

cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimento.** Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. S. Propostas curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. **Terra Livre**, n. 14, p. 125-145, 1999. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/download/377/359> Acesso em: 15 de set. 2023.

CHRISTOFOLETTI, A. As características da nova geografia. In: **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985, p.71-101.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

COLAVITE, A. P.; PASSOS, M. M. Reflexões sobre a análise da paisagem no GTP: da perspectiva sistêmica à cultural. Anais: **V SIMPGEO** – Simpósio Paranaense de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, estado da arte, tendências e desafios. Curitiba: UFPR. 2010.

CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. 2º edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000.

CORRÊA, R. L. Região e Organização Espacial. São Paulo: **Editora Ática**, 2003.

COSTA, F. R.; ROCHA, M. M. Geografia – conceitos e paradigmas: apontamentos preliminares. **Revista GEOMAE**, Campo Mourão, v. 1, n. 2, p. 25-56, 2 sem. 2010. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/geomae/article/view/5756> Acesso em: 15 de set. 2023.

COUTINHO, J. S. Produções didático-pedagógicas. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **CEP, Paraná**, v. 85012, p. 213, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_socio_pdp_mauro_moreira_gabardo.pdf Acesso em: 15 de dez. 2023.

DIAS, L. F. **Croqui cartográfico no ensino da Geografia**: ensaio metodológico. 2000. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia Humana) FFLCH – Universidade de São Paulo, 2000.

FAÇANHA, A. C. **A Evolução Urbana de Teresina**: Agentes, Processos e Formas Espaciais da Cidade. 1998. 233f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

FERRAZ, C. B. **O discurso geográfico**: a obra de Delgado de Carvalho no contexto da Geografia brasileira – 1913 a 1942. Dissertação de mestrado, Departamento de Geografia, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

GERHARDT, T. E.; SOUZA, A. C. Aspectos Teóricos E Conceituais. In: GERHARDT, T. E.; SILVA, D. T. (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 11-29.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GIROTTI, E. D. Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. **Geo uerj**, n. 30, p. 419-439, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/23781> Acesso em: 01 de out. 2023.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÉA, R. L. (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro. Ed. **Bertrand Brasil**, 1995.

GOUVEIA, P.S.; UGEDA JÚNIOR, J. C. O Ensino De Geografia No Brasil E Os Métodos Tradicional E Histórico Cultural. **Formação (Online)**, v. 28, n. 53, 2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/8066> Acesso em: 14 de dez. 2023.

GUIMARÃES, I. V. Ensinar e aprender geografia na base nacional comum curricular (BNCC). **Ensino em Re-vista**, v. 25, n. 4, p. 1036-1055, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/download/46456/24953> Acesso em: 25 de set. 2023.

HAESBAERT, R. Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2010.

LORENA, G. Espaço, paisagem, lugar, região e território: uma revisão introdutória sobre conceitos geográficos. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 35, p. 159-171, 2022. Disponível em: <https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2347> Acesso em: 12 de set. 2023.

LUCHIARI, M. T. D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÉA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EduUERJ, 2001.

MARQUES, A. M. S.; MOTA, M. S.; SOUZA, M. A. V. F. Aula De Campo No Ensino De Geografia: uma visão pela literatura científica brasileira. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 20, p. 357-372, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/887> Acesso em: 16 de dez. 2023.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1989.

MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora- Bacich-e-Moran.pdf> Acesso em: 13 de dez. 2023.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa em mapas conceituais**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Física, 2013. 55 p.

NÓBREGA, M. L. S. **Geografia e educação Infantil**: os croquis de localização - um estudo de caso. 2007. 188 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-15102008-120233/en.php>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NOVAK, J. D. **Learning, Creating and Using Knowledge**: Concept Maps as Facilitative Tools in Schools and Corporations. 2a Taylor e Francis, New York, 2010.

OLIVEIRA, M. M. Geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis – SC, n. 02, p. 10-24, jun./2006.

PEZZATO, J. P. Geografia Escolar no Brasil: uma trajetória com mudanças culturais e a permanência do discurso em prol da cidadania. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 16, n. 1, p. 241-267, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/13359>. Acesso em: 13 de out. 2023.

PIAGET, J. **A representação do espaço geográfico na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PINHEIRO, I. A.; SANTOS, V. S.; RIBEIRO FILHO, F. G. Brincar de Geografia: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Equador**, v. 2, n. 2, p. 25-41, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/1451>. Acesso em: 29 de out. 2023.

PONTUSCHKA, N. N. Parâmetros Curriculares Nacionais: tensão entre Estado e Escola In: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. **Reforma no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA, G. O. R. Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942). **Revista de educação, cultura e meio ambiente**. v. II, n. 12, p. 1-12, dez. 1998. Disponível em: http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/12genyltonodilonregodarocha_geografianocurriculoescolar.pdf. Acesso em: 20 de set. 2023.

SACRISTAN, J. G. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica de geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6^a ed., São Paulo, Editora Edusp, 2014, 136 p.

SAQUET, M. A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SAUER, C. E. **Sociedade, natureza e espaço geográfico**. Curitiba: InterSaber, 2016.

SERPA, A. Milton Santos e a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica à paisagem contemporânea. **Paisagem Ambiente**: ensaios, São Paulo, n. 27, p. 131-138, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, A. S.; NETO, A. A. A.; OLIVEIRA, L. N. O estudo do processo de verticalização da Zona Leste de Teresina-PI. **Revista Equador**, v. 2, n. 2, p. 173-188, 2013. Disponível em:
<https://comunicata.ufpi.br/index.php/equador/article/view/1483> Acesso em: 01 de out. 2023.

SILVA NETO, M.; SILVA, F. D. R.; ARAÚJO, R. L. Educação Geográfica Para a Cidadania na Perspectiva do Currículo de Teresina/Piauí/Brasil. **Revista Geoaraguaia**, v. 12, n. especial, p. 80-95, 2022. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/13552> Acesso em: 13 de set. 2023.

SOUZA, M. J. L. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 77-116.

STÜRMER, A. B.; COSTA, B. P. Território: aproximações a um conceito-chave da Geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 21, n. 3, p. 50- 60, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/Geografia/article/viewFile/26693/pdf> Acesso em: 15 de set. 2023.

SURTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**. n. 93, 15 de julio de 2001.

SURTEGARAY, D. M. A. **Cadernos Geográficos nº12**: notas sobre epistemologia da Geografia. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005.

TERESINA. Secretaria Municipal de Educação. **Curriculum de Teresina**: ensino

fundamental, componente curricular: Geografia. Teresina: UPJ Produções, 2018a.

TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAM. Superintendência de Desenvolvimento Urbano Leste SAAD LESTE. **Caracterização dos Bairros**. Zona Leste. Teresina, 2018b.

TUAN, Y. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/27150/pdf> Acesso em: 15 de set. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS –

CCHL COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE PESQUISA C/H: 60h BLOCO: VII TURNO: MANHÃ

PROFª.: ELISABETH MARY DE CARVALHO BAPTISTA PERÍODO: 2021.2

ALUNA: FRANCISCA VITÓRIA DA CUNHA SILVA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA ALUNOS

Prezado (a) professor (a), sou aluno (a) do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem como objetivo a realização de trabalho acadêmico para conclusão do curso, com tema CONCEITOS-CHAVES DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA TRABALHADOS NO 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL. Que tem o objetivo de: Compreender de que forma esses conceitos estão sendo trabalhados em sala de aula, e de que maneiras os alunos e professores conseguem associar tais conceitos no seu dia a dia diante de uma realidade fora do âmbito escolar. Antecipadamente agradeço sua valiosa colaboração.

PARTE I: PERFIL (IDENTIFICAÇÃO)

Nome: _____ Turma: _____ Turno: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: _____

Escola:

PARTE II: ESPECÍFICA

01. A Geografia enquanto ciência possui cinco principais conceitos-chave (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), quanto a estes conceitos e a disciplina ensinada na sua escola você.

- Já estudou esses conceitos
- Ainda não estudou esses conceitos
- Não Lembra ou ainda irá estudar

02. Diante dos seus conhecimentos adquiridos na disciplina de Geografia na sua escola, você entende ao que se refere cada conceito-chave da ciência geográfica? (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar).

- () Sim
() Não

03. A respeito dos conceitos-chave da Geografia, (Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar), você teve dificuldades em aprendê-los a partir da disciplina de Geografia?

- () Sim
() Não

04. Se caso sua resposta for “Sim”, marque a alternativa referente aos conceitos-chave no qual teve maior dificuldade de compreensão:

- () Conceito de Espaço () Conceito de Região
() Conceito de Território () Conceito de Paisagem () Conceito de Lugar

05. Por quais motivos você teve dificuldade em aprender os conceitos-chave da Geografia?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS –
CCHL COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE PESQUISA C/H: 60h BLOCO: VII TURNO: MANHÃ
PROFª.: ELISABETH MARY DE CARVALHO BAPTISTA PERÍODO: 2021.2
ALUNA: FRANCISCA VITÓRIA DA CUNHA SILVA**

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PROFESSOR (A)

Prezado (a) professor (a), sou aluno (a) do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem como objetivo a realização de trabalho acadêmico para conclusão do curso, com tema CONCEITOS-CHAVES DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA TRABALHADOS NO 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL. Que tem o objetivo de: Compreender de que forma esses conceitos estão sendo trabalhados em sala de aula, e de que maneiras os alunos e professores conseguem associar tais conceitos no seu dia a dia diante de uma realidade fora do âmbito escolar. Antecipadamente agradeço sua valiosa colaboração.

PARTE I: PERFIL (IDENTIFICAÇÃO)

ENTREVISTADO (A) Nº. _____

NOME: _____

FORMAÇÃO: _____

PARTE II: ESPECÍFICA

01. Sempre atuou nesta

escola? () SIM () NÃO

02. Já trabalhou sobre as categorias geográficas esse ano? () SIM () NÃO

03. Teve dificuldade para trabalhar estes conceitos em sala de aula?

() SIM () NÃO

04. Em caso de Resposta “SIM”, com que frequência você observou?

() Muito Frequente () Frequente () Pouco Frequente

05. Tem trabalhado de forma lúdica sobre estes conceitos?

() SIM () NÃO

06. Em caso de Resposta “SIM”, poderia descrever um pouco sobre?

07. Utilizou recursos de fácil compreensão durante a aplicação desse conteúdo em sala de aula?

() SIM () NÃO

08. Em caso de resposta “SIM”, quais e quantas vezes?

09. No período mais intenso da pandemia do COVID-19 (entre 2020 e 2021), com que frequência você, seus alunos tiveram dificuldades para responder as atividades relacionadas a esse tema?

() Muito Frequente () Frequente () Pouco Frequente